



UMA XÍCARA DE CRÔNICA

Andréa Antonialli
(Organizadora)



Colégio
Metodista
São Bernardo do Campo



EDUCAÇÃO
METODISTA

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

DIRETOR GERAL

Robson Ramos de Aguiar

CONSAD – Conselho Superior de Administração

Paulo Borges Campos Jr. (Presidente)

Aires Ademir Leal Clavel (Vice-Presidente)

Esther Lopes (Secretária).

Titulares: Afranio Gonçalves Castro

Augusto Campos de Rezende

Jonas Adolfo Sala

Marcos Gomes Tôrres

Oscar Francisco Alves Jr.

Valdecir Barreros

Suplentes: Renato Wanderley de Souza Lima

Reitor interino: Fábio Josgrilberg

Diretora do Colégio: Kênia Virginia Silva Araújo Ferreira

Editor Executivo

Rodrigo Ramos Sathler Rosa

UMA XÍCARA
DE CRÔNICA

Andréa Antonialli

Organizadora

UMESP
São Bernardo do Campo
2016

X4 Uma xícara de crônica / Organizadora Andréa Antonialli. São
Bernardo do Campo : Universidade Metodista de São
Paulo, 2016.
92 p.

ISBN

1. Literatura infantojuvenil 2. Literatura infantojuvenil
- Crônicas I. Antonialli, Andréa

CDD 028.5

AFILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



**EDUCAÇÃO
METODISTA**

Universidade Metodista de São Paulo
Rua do Sacramento, 230, Rudge Ramos
09640-000, São Bernardo do Campo, SP
Tel: (11) 4366-5537
E-mail: producao.editora@metodista.br
www.metodista.br/editora

Editoração Eletrônica: Maria Zélia Firmino de Sá
Finalização da capa: Cristiano Freitas
Arte da capa: Arthur Afonso de Andrade Soares
Permutas e atendimento a bibliotecas: Noeme Viana Timbó

As informações e opiniões emitidas no livro são de inteira
responsabilidade do autores, não representando, necessariamente,
posição oficial da Universidade ou de sua mantenedora.

Sumário

Palavra da Direção	9
Kênia Virginia Silva Araújo Ferreira	
Doses de observação, percepção e sentimento	10
Andréa Antonialli	
Crônicas do 2º A	
Ame mais	12
Ana Lívya dos Santos Alves Nogueira	
Ocupado demais para viver	13
André Hugo Bueno de Souza	
Avenida Pluraulista	14
Arthur Afonso de Andrade Soares	
Humanidade desumana	15
Azáph Guedes do Espírito Santo	
A Prisão da Imaginação	17
Beatriz Eduardo Bottacini	
Lembranças de Infância	18
Bruna Bispo de Souza	
Indefesos	19
Camille Kiridoshi Canizela	
Um dia qualquer	20
Carlos Daniel Englert Kelm	
Nosso conto de fadas	22
Caroline Rabi Thomé	
Tempo que escorre	23
Elisa Vieira Chicon	



Amor verdadeiro dos estranhos	24
Ellen E. V. Dos Santos	
A paixão pelo esporte	25
Felipe Gonçalves Forgas	
Os heróis de hoje	27
Felipe Maciel Coelho	
Aceita que dói menos	28
Fernanda da Costa	
Cotidiano Musical	30
Gabriel Cruz Caruso	
Aviação de verdade	31
Gabriel Goes Boscolo	
Simple Percepção de Amor	32
Giovanna Garcia Rocca	
Transportes Públicos	33
Henrique Afonso de Andrade Soares	
Sem tema, mas com muito sentimento	34
Letícia Alves Nunes	
Dia das mães inesperado	35
Letícia de Moraes Sousa	
Mais amor, por favor!	37
Luiza Travaglini Manechini	
Da Solidão para a União	39
Luca Formaggio Cotrufo	
O meu voto é só meu!	40
Luccas Sammarone	
Intolerância da sociedade	42
Maria Fernanda Rotatori	
O incrível mundo nerd	43
Maria Luiza Neves Drosghic	
Lembranças	45
Matheus Foizer Lombardi	
No Estilo Eurolook	47
Patrick Miura Mestre	



Eu não preciso ser igual	48
Raquel Veríssimo Vital	
Falsa liberdade	51
Roberta Almeida Sampaio	
Sim, Não, Talvez?	52
Tessa Ponce	
A corrida do bate ponto	53
Thamires Candalaft	
Um lugar cheio de sentimentos	54
Virginia Negri Muniz	
 Crônicas do 2º B	
E se?	56
Amanda Louzada Batista dos Santos	
Mudando conceitos	59
Andressa Queiroz Ramires	
Não deixe o orgulho ser maior que suas amizades	61
Bárbara Ribeiro Gomes	
Um sentimento inexplicável	63
Bruna Venturi Requena	
Ônibus	64
Carolina Carvalho da Silva	
Tempo: ilusão	65
Carolina Rossi	
Tic, tac	66
Daniele Brois dos Santos	
A dor da saudade	67
Gabriela Santos Ferreira	
Aprendendo com os erros dos outros	68
Giovanna Asergo Cordeiro Pires	
A escolha correta	69
Guilherme Ratti Pantolfi	
Presente de Natal	71
Henrique Peres	



Exclusão social	72
Isabella Bravo	
Um vazio cheio de tudo	74
Isabella Sampaio Macedo	
A Carta	75
Isabella Zanardo Riechelmann	
Visitas Inoportunas	76
Juliana Bravo Siqueira	
A temida adolescência	78
Juliana Ducca	
2017	79
Larissa Nunes de Oliveira	
Mãos do senhor	80
Laura Ramos Raposo	
A primeira aula	81
Lucas Kimur	
Em ponto	84
Maria Victória G. Toscano	
Amor (de) passageiro	85
Marina Violini	
O trânsito na cidade	87
Mirella Vinha	
O Controle da mídia	88
Rafael Rubio Carvento	
Preconceito, pra quê?	89
Sabrina Alves Campilongo	
Ah...O amor!	91
Victória Santos Rodrigues	
Aproveite	92
Vinicius F. Damasceno	



Palavra da Direção

Acesso à cultura, despertar da curiosidade e o prazer por ler pode ser incentivado desde a infância. Uma leitura envolvente de gibis, de poemas, de diferentes linguagens traz a possibilidade de crescimento e diversão.

E da leitura vamos para escrita. O registro de ideias, de sonhos, de expectativas, de sentimentos.

A literatura é indispensável para o crescimento do indivíduo crítico, por isso o Colégio Metodista coloca esforços e dedicação no incentivo à leitura e à autoria dos/as nossos/as alunos/as, bem como a formação humana.

Aqui temos o registro de alguns dos inúmeros pensamentos adolescentes que nos desafiam a sonhar juntos.

Kênia Virginia Silva Araújo Ferreira
Diretora Pedagógica



DOSES DE OBSERVAÇÃO, PERCEPÇÃO E SENTIMENTO

É interessante notar que, quando conversamos sobre crônica com os alunos, todos sabem citar ao menos uma característica específica desse gênero: é breve; o assunto é colhido no cotidiano ou no noticiário; tem uma linguagem mais despojada (dependendo do estilo do autor) e dá ao leitor uma visão mais sensível, minuciosa de situações diárias aparentemente menos importantes ou até mesmo insignificantes.

No entanto, quando a proposta de uma produção é lançada, a maioria percebe que produzir uma crônica não é tão fácil quanto apreciá-la ou defini-la; que, definitivamente, não é um “gênero menor” e que para produzi-la é preciso encontrar e adicionar doses de observação, percepção e sentimento. Tarefa muitas vezes árdua para pessoas imersas em uma sociedade na qual os pensamentos, as relações, os vínculos parecem tão frágeis e efêmeros.

Fazê-los olhar para si mesmos e aventurar-se em sua história, realidade, crenças, dúvidas, angústias, tristezas é um processo rico e delicioso, afinal, para aprender a contemplar miudezas lindas e importantes, basta sujeitar-se à observação, entregar-se a momentos de silêncio e reflexão.

Este livro reúne os diferentes olhares e impressões da vida desses adolescentes.

Estão servidos a uma xícara de crônica?

Andréa Antonialli



CRÔNICAS DO 2^oA



Ame mais

Ana Livia dos Santos Alves Nogueira

Pressa, ansiedade e impaciência, estes são os motivos que muitas vezes causam a falta de empatia com o próximo. Estamos sempre presos em nosso mundinho.

Ei, você não é o único que tem problemas, não é o único que está exausto. E não, não é apenas você que passa por dificuldades. Todos têm desafios; todos os dias pessoas se cansam por buscar constantemente uma vida e um futuro melhores e encontram empecilhos nessa jornada. Pense nas maravilhas da vida, nas oportunidades que ela nos dá. Antes de tudo isso, seja grato.

Tudo que se recebe é o que se faz por merecer; colhe-se o que se planta. Não devemos culpar uma pessoa pelas escolhas que nós tomamos. Então, sejamos mais amáveis, prestativos e pacientes, esforcemo-nos para fazer o bem ao próximo; que não saiam palavras maldosas e sim reconfortantes. Quando se dá amor, recebe-se amor. Vamos sorrir para a vida, garanto que ela sorrirá de volta.



Ocupado demais para viver

André Hugo Bueno de Souza

Logo cedo uma correria. Empurrões e esbarrões na estação de trem. No trânsito, buzinas e xingamentos no mais alto som; um carro querendo correr mais rápido que o outro e nenhum saindo do lugar. No ponto de ônibus, olhos se fixam na direção do relógio a cada minuto, os pés com pressa ficam inquietos ao esperar seu ônibus passar.

Acordar cedo e dormir tarde. Fazer tudo ao mesmo tempo sem aproveitar nada. Lembrar que tem compromisso, mas esquecer o pôr do sol. Chegar cedo ao trabalho, mas se atrasar para encontrar sua família.

No horário de almoço, ouço uma conversa no telefone de um homem andando com pressa:

- Esquenta minha comida, tenho que comer rápido, já “tô” atrasado.

Quem dera se fosse:

- “Tô” indo pra casa, escolhe alguma coisa pra gente fazer, “vamo” passar um tempo juntos...



Avenida Paulista

Arthur Afonso de Andrade Soares

Ao sair do metrô Consolação, eu delicio meus pulmões com um ar de nostalgia e conforto, quando percebo que estou na Avenida Paulista! Em seguida, sou guiado por meus pais, já veteranos do maravilhoso lugar. Os prédios me assustam: são altos, largos, profundos e até coloridos, e no centro deles está o MASP, um local elegante e curioso, um verdadeiro castelo!

Os outros prédios e casas compõem o reino do Museu de Arte de São Paulo, porém, minha visão logo é seduzida pelo Conjunto Nacional, outro castelo do reino. Minha atenção “quica” de castelo em castelo, como uma batalha por atenção, ambos são mágicos!

Minha visão distraída se distrai ao trombar com um pedestre, mudando meu foco de admiração. As pessoas que vivem naquele reino são de extrema pluralidade. Há os músicos, as estátuas, os manifestantes, fulano, beltrano e eu.

A Paulista é como uma mulher que você tenta conquistar, mas não consegue, insistindo sempre em voltar no dia seguinte com algo novo para ela.



Humanidade desumana

Azáph Guedes do Espírito Santo

Ser “humano” deveria ser, efetivamente, ajudar o próximo, cair e levantar, errar e admitir o erro, mas tentar não cometê-lo novamente. Porém, essa visão foi deturpada e hoje *ser humano* é ostentar algo, fingir se importar com alguém e causar dor a pessoas indefesas, mas tudo isso a troco de quê? Vidas quebradas, objetos fúteis, risadas falsas ou porque, no fundo, nós sabemos que somos como frágeis castelos de vidro, em que o primeiro a chutar talvez queira apenas se proteger por meio do medo, pois sabe que aquele que não fere acaba por ser ferido.

Há pouco tempo, uma garota de 17 anos se matou, pois sentia tristeza, solidão e dor, tudo isso pois um imbecil achou que seria engraçado atacá-la verbalmente repetidas vezes. Por culpa desse indivíduo, ela entrou em depressão, e para tratá-la a entupiram com remédios fortes, mas ela apenas piorou até que não suportou mais tanta dor e tirou a própria vida. Devido a isso, surge uma questão: onde estava a humanidade quando trataram aquela garota com tanto desprezo? Estávamos em qualquer outro lugar, gerando mais ódio, infligindo mais dor e chutando mais uma pessoa para o mesmo abismo onde aquela adolescente se encontrava, porém ninguém se importou, porque, enquanto ela estava sofrendo, os “humanos” estavam rindo dela e por culpa desses, uma vida que poderia sorrir, alegrar-se e ser vivida, agora se encontra em uma cova a sete palmos.

Esse mundo é como um grande auditório em que todos assistem sentados de forma confortável a este show de horrores, pois preferem se importar mais com animais enquanto



ignoram as vidas humanas perdidas e negligenciadas, graças ao egoísmo *desumano*. Parafrazeando e resumindo a frase de Rorschach (na obra prima *Watchman*, de Alan Moore) “Não é Deus quem mata as crianças. Nem é a sorte que as esquarteja ou o destino as dá de comida aos cães. Somos nós. Só nós”.



A Prisão da Imaginação

Beatriz Eduardo Bottacini

Esses dias comecei a questionar a vida do jeito como ela é: tão óbvia e ao mesmo tempo tão inesperada. Quando assistimos a um filme que mexe com a gente, não só o filme, como também os personagens, começamos a pensar o porquê de não ter a vida dele, ou o porquê de não estarmos ao lado dele.

Comecei então a olhar ao meu redor e tentar entender o motivo de estar naquele lugar, sendo exatamente quem sou, e fazendo o que estou fazendo. Questionar essas coisas pode parecer louco, mas quem nunca questionou coisas sem sentido?

Como no filme *Divergente*, em que a personagem principal vive várias aventuras e fica com o cara mais lindo. Por mim, eu queria estar no lugar dela, fazer o que ela fez. Ver paisagens incríveis e arriscar sua vida salvando a humanidade deve ser muito legal, às vezes viver sem sermos nós mesmos pode ser mais incrível do que pensamos.

E quem nunca quis viver um amor como em *A Culpa é das Estrelas*, tão verdadeiro e lindo? Vivenciar cada momento que a atriz principal vive? Participar, ver, tocar nas coisas como ela faz? Simplesmente tenho muita vontade de fazer o que essas pessoas fazem; elas vivem momentos emocionantes dos quais às vezes nem fazemos ideia! Um dia, vou parar de questionar essas coisas e vivê-las realmente.



Lembranças de Infância

Bruna Bispo de Souza

Me lembro muito bem de minha infância, das brincadeiras, dos almoços de domingo em família, das tardes com meus primos na casa de minha avó, das idas ao parque, do choro quando eu me machucava, mas também do beijinho que ganhava.

Me recordo até hoje do dia em que ganhei minha primeira bicicleta, meu pai me ensinando a andar... até que, depois de tantos tombos, consegui me virar sozinha. Eu adorava ler e reler os gibis que os meus pais sempre compravam. Uma coisa que com certeza eu nunca irei me esquecer é da minha primeira viagem de avião, um sentimento de ansiedade misturado com medo.

São tantas histórias e lembranças que eu levarei em minha memória para sempre.



Indefesos

Camille Kiridoshi Canizela

Uma família, duas filhas. A mais nova de cinco anos tentava se enturmar com a família. A menina começou a ter atitudes para chamar a atenção dos pais, o que não os agradava.

A menina só queria a atenção de seus pais; queria apenas que eles pudessem brincar com ela junto da sua boneca favorita, e a única coisa que acontecia era que a importância ao trabalho sempre era maior.

Depois, sem entender o que fazia, comeu os batons de sua mãe, o que a deixou muito irritada.

Bagunçou seu quarto, rasgou todos os papéis de documentos, quebrou os esmaltes, fazia suas necessidades em lugares inadequados. Isso causava uma revolta nos pais e eles não entendiam como ela conseguia fazer tudo isso.

A situação chegou a um ponto crítico e uma atitude foi tomada. Colocaram-na no carro, levaram-na a uma estrada longe da sua casa, e então jogaram bem longe sua boneca favorita e ela foi em busca do brinquedo, e então seu pai foi embora e a deixou lá, sozinha, sem comida, indefesa, apenas com sua boneca.

Um absurdo imaginar esse fato com uma criança pequena, que não vai conseguir tomar nenhuma atitude para achar o caminho de volta para sua casa, não é? Mas essa situação acontece todos os dias, não com crianças, e sim com cachorros e gatos.

O número de animais abandonados aumenta cerca de 70% ao ano.

Pessoas os deixam nas ruas em situações terríveis de chuva, fome, coisa que não deveria acontecer. Eles possuem necessidades também, maltratá-los e deixá-los na rua, é o mesmo que deixar uma criança pequena à própria sorte. Os dois não conseguem tomar atitudes para reverter o abandono.



Um dia qualquer

Carlos Daniel Englert Kelm

Hoje eu acordei, vesti um agasalho e fui para a cozinha. Comi um pão com manteiga, bebi uma xícara de café e deixei a mesa arrumada para não dizerem que uso o meu trampo como pretexto para não fazer as tarefas domésticas. É, agora eu tinha um emprego. Pela primeira vez um que se possa considerar “decente”. Isso me fazia acreditar que aquele seria um dia diferente, a dona Berna até me chamou de filho! – subi na moto e fui trabalhar.

Estava mais confiante do que nunca! Bom, nem tanto. Confesso que estava um pouco nervoso, mas pelo menos agora eu tinha certeza de algo: naquele trabalho eu não perderia nenhum amigo e nem teria que consolar a mãe de ninguém.

Era um trabalho simples, bastava esperar que algum pedido fosse feito para então levá-lo ao destinatário.

No final do dia, enquanto o sol se punha e restava um último pedido para entregar; eu estava parado no semáforo quando uma propaganda de Dia das mães me fez pensar em dar um presente à dona Berna. Seria um par de sandálias um bom presente? Como se eu pudesse pagar algo mais caro.

Momentos antes da luz verde do semáforo se misturar ao vermelho de um sol que padecia no horizonte, uma moto idêntica a minha passou voando por mim deixando um som de choro e terror para trás. Eu queria ajudar, mas não podia fazer nada e também já estava atrasado, então continuei.

Ouvia o som das sirenes cada vez mais perto. Eram aqueles encarregados pela “ordem” nas ruas. Aqueles que não medem esforços para infringir a lei dizendo estar cumprindo-a. Eu deveria ter percebido que estava rápido demais, mas a pressa me fez esquecer este pequeno detalhe que todo ne-



gro morador de periferia deve lembrar num momento como este: tente parecer o menos suspeito possível.

Ouçõ tiros; o pneu estoura. Perco o controle da moto, choco contra um poste e bato forte com a cabeça.

Agora estou deitado, olhando para o céu cinza enquanto o mais puro dos protestos escorre do meu capacete para a sarjeta e mancha a calçada com o mais lindo tom de vermelho. As pessoas estão olhando; algumas sentem pena, outras, ódio. Eu me enganei, pois este não foi um dia diferente dos outros, foi apenas um dia qualquer.



Nesse conto de fadas

Caroline Rabi Thomé

Eu disse a ele:

- Você se lembra deste momento?

No fundo das minhas memórias, nós éramos como rei e rainha, quando leram nosso nome, dançamos como se não houvesse amanhã. Você se erguia como um herói de uma página de um livro. Você foi um começo de um novo capítulo.

Depois de todas as batalhas vencidas e muros derrubados, você volta pra mim e todas as luzes do reino brilham, somente para mim e você.

Eu disse a ele:

- Você se lembra desse sentimento?

Passei as fotos, todos aqueles momentos juntos em que esperávamos pelo agora. Nós somos como rei e rainha. Você trocou seu boné por uma coroa. Por um momento, dois adolescentes com jeans rasgados tomaram conta do mundo.

Queria que durasse para sempre, aquela expressão no seu rosto. Me diverti lutando contra dragões com você.

Paramos por um momento, fizemos uma promessa, de que ficaremos juntos para sempre, mas se o destino nos separar e se você tiver filhos algum dia, quando eles apontarem para as fotos, diga a eles como nosso reino delirava.

Nosso amor era como um conto de fadas. Tragam todos os pretendentes, não tenhamos medo, pois um dia, seremos lembrados.



Tempo que escorre

Elisa Vieira Chicon

A hora passa, o tempo voa. Levanto, olho as roupas, não gosto de nada, tenho que escolher, escolho.

Entro no banho, me ensaboo, passo shampoo, enxáguo, passo de novo, enxáguo novamente; saio do box, passo creme.

Me troco. Estou atrasada. Como. Ligo o carro, saio; trânsito, tec tec, folhas, o tempo passa, mas não voa.

Almoço, McDonalds, obesidade, tudo grande. Corro, atrasada de novo, bronca.

Tempo arrastado, meu relógio roubado, fim do expediente; rua, carro quebrado, frio, alguém, foto com mendigo, reviro os olhos; falsidade, facebook, ajuda com o carro, casa.

Mensagem, namorado, banho, barulho, passos, sorriso, beijo, massagem, amor, sono, bip bip, olhos abertos, a hora passou e o tempo voou.



Amor verdadeiro dos estranhos

Ellen E. V. Dos Santos

Quem não gosta de acordar com mensagem de “Bom dia”, ou até mesmo aquele cheiro de café da manhã maravilhoso, aqueles gestos espontâneos que tiram qualquer pessoa do mau humor, aqueles gestos que conseguimos responder de volta, mesmo com um simples sorriso de canto... é por tudo isso que acredito que ainda existe bondade nesse mundo.

Lembro que marquei de sair com uns amigos, nos divertimos, rimos muito, foi maravilhoso, quando acabou, vi que alguns foram embora de carona, enquanto outros foram de ônibus, mas teve um amigo que não foi, um amigo com quem não tenho tanta intimidade, quase nunca conversamos, porém ele decidiu ficar até minha carona chegar. Na hora me perguntei o motivo, será que quer fazer algo comigo? ou quer que o leve até sua casa? ou quer apenas que eu me sinta mais segura? Percebi que era sim um ato de companheirismo, como gesto espontâneo... insisti que seguisse seu caminho, no entanto, permaneceu comigo. Tivemos então uma boa conversa.

Hoje em dia o amor é medido pelo valor do presente que você dá a uma pessoa, ou quão grande é esse presente, talvez amemos bastante essa pessoa para dar uma viagem internacional ou um carro zero, mas talvez ela não queira receber um presente caríssimo numa data comercial importante, iria valer muito para a bolsa dela, mas não ia valer a pena comparando-se a beijos, abraços sem hora marcada ou ajuda para tarefas simples do cotidiano. A presença de alguém quando menos esperamos, ou simples gestos de carinho são aquilo de que todos nós precisamos.



A paixão pelo esporte

Felipe Gonçalves Forgas

Eu não gostava de futebol, mas meu pai um dia resolveu nos levar para assistir a um jogo no estádio da cidade. Eu odiei a ideia. Chegando ao estádio, já estava noite e as ruas cheias de pessoas; nunca tinha visto tanta gente em um mesmo lugar. No início fiquei com medo, pois as pessoas gritavam e realmente chegavam a intimidar.

Dentro do estádio o barulho era assustador; a canção da torcida ecoava por todos os cantos e meu pai sempre junto cantando com os demais e tentando de algum modo me animar para o jogo. Quando finalmente chegamos à arquibancada e vi o gramado, confesso que me surpreendeu o quão verde era e como o estádio parecia ser umas três vezes maior por dentro, todo de uma única cor.

Com a partida rolando, o estádio ia à loucura com cada jogada, e juro que nunca tinha ouvido tanto palavrão na minha vida. A torcida não perdia uma chance de xingar o juiz e também não perdoava nenhum erro dos jogadores. O jogo ia acontecendo e eu ia cada vez mais me envolvendo; no segundo tempo eu já sabia até as canções e participava dos lances junto dos outros.

Até que, em um momento já perto do final da partida, o juiz marca uma falta muito perto da grande área; a torcida comemora e começa a gritar um nome de um dos jogadores do time, de repente eu vejo do outro lado do campo, o goleiro saindo do gol e atravessando o gramado em direção à marca da falta. No início fico surpreso, mas aplaudo junto com a torcida. O estádio inteiro se enchia com um ar de esperança enquanto ajeitava-se a bola.



Quando o juiz apitou e permitiu a cobrança, o goleiro correu e bateu fazendo com que a bola entrasse bem no ângulo do gol, como se tivesse colocado a bola com as próprias mãos. Todos começaram a pular e gritar de felicidade, as arquibancadas tremiam de uma forma que parecia que o estádio iria desabar, eu não contive a emoção e comemorei junto.

Observava todas aquelas pessoas comemorando, abraçando até quem não conhecia por tamanha felicidade. Aquilo me fez perceber que o futebol ou os outros esportes não são apenas homens ou mulheres correndo atrás de uma bola, existe uma paixão por trás disso que me fez de certa forma respeitar o esporte. Eu não gostava de futebol, não posso dizer que passei a gostar, mas agora tinha uma visão diferente dele. Na volta para casa, agradei meu pai pelo passeio que, no fim das contas, foi inesperadamente emocionante.



Os heróis de hoje

Felipe Maciel Coelho

Quando nos perguntam sobre nossos heróis, as pessoas já indicam um pouco sobre nós. Pela idade, uns podem dizer: Pelé, Garrincha, Roberto Carlos, entre outros. Os jovens, já diriam Luan Santana, Neymar, Anitta.

Mas esses “heróis”... não, estes não são os heróis dos quais irei falar, quero falar dos heróis que ficam no silêncio, heróis que não são conhecidos, mas fazem parte de nosso dia a dia. Não só arriscam suas vidas, mas as dedicam aos outros, como enfermeiros(as) que cuidam das pessoas dia após dia para salvar suas vidas. Os policiais e bombeiros honestos que cuidam de nossas vidas quando estamos em perigo, e que praticamente nunca aparecem nas manchetes de jornais recebendo o merecido reconhecimento, ao contrário de alguns desonestos que ganham suas vidas na moleza. Em todas as atividades dessa sociedade, pelo menos um está lá para ajudar os outros sendo honesto.

Heróis são aqueles que se esforçam todo o dia para ajudar as pessoas, que conseguem criar uma hierarquia baseada na honestidade e no trabalho correto. Trabalhadores que têm uma alta carga horária para receberem uma quantidade pequena de dinheiro. Homens e mulheres que ganham uma miséria após uma vida de trabalho duro e, mesmo depois de aposentados, não é possível que eles tenham uma vida de descanso.

O título “herói” não é algo para alguém especial, e sim para aqueles que conseguem fazer que tudo dê certo, e ainda pensar em como isso afetará os outros. Quando, por exemplo, encontrarmos um político capaz de viver com um salário mínimo e manter sua dignidade, neste dia poderei dizer que achei um herói na política do meu país.



Aceita que dói menos

Fernanda da Costa

Querendo ou não, uma realidade que temos que aceitar é que os homossexuais existem e em pleno século XXI continuam pensando que isso é doença. Já cheguei a ouvir que são pessoas possuídas pelo demônio, veja se isto é cabível? O demônio, então, está possuindo uma grande parte da população do mundo.

Indigno-me constantemente com a homofobia. Já presenciei cenas tristes causadas por essa aversão, e o mais engraçado é que geralmente são pessoas, na maioria dos casos, que defendem discursos religiosos para justificar seus atos, mas sem notar acabam sendo controversos e intolerantes, pois a principal mensagem transmitida pelas religiões é o amor ao próximo. Que amor é este que é demonstrado com uma lampadada na cabeça?

Um fato específico, para mim, é inesquecível, pois foi o momento que senti ódio de algumas pessoas de uma maneira que nunca pensei que fosse possível, aquele foi o meu primeiro contato com a homofobia e se você, leitor, assim como eu, se incomoda com esta atitude, sentirá vontade de bater em quem fez o que contarei agora.

Estava saindo normalmente com minha amiga que é lésbica, abismada com as olhadas tortas lançadas por algumas pessoas e destinadas a ela. Então, um grupo de jovens veio estragar o nosso passeio, já começando com a pior coisa que uma pessoa pode fazer, iniciaram uma série de insultos e ameaçaram agredi-la simplesmente por ela ser como é, e o mais perturbante é que sempre haverá pessoas olhando para cenas como estas e não se posicionando, o que é uma espécie de cumplicidade.



Algo inaceitável é que no mundo contemporâneo, com tanta informação, em certas partes podendo até se considerar uma sociedade liberal, um pensamento arcaico e sem fundamentos ainda seja tomado como uma verdade. Aceite, ser homossexual ou heterossexual não é uma opção, e sermos contra ou a favor não muda nada, somente demonstra uma falta de conhecimento e de respeito.

Porém, reflita, ponha-se no lugar desta minha amiga ou no lugar do menino que alguns anos atrás recebeu uma lampadada na cabeça, simplesmente por gostar do mesmo sexo; imagine se os papéis na sociedade se invertessem, e ser gay fosse o “correto” e ser hetero fosse o “errado”, você gostaria de ser ofendido por ser quem você é?



Cotidiano Musical

Gabriel Cruz Caruso

Todos os dias antes de dormir eu lembro e esqueço como foi o dia, às vezes lembrando de um passado distante, e também pensando em ações futuras. Às vezes, quando estou triste por alguma coisa, eu escuto alguma música para me distrair e me transportar para um mundo diferente da realidade na minha cabeça.

A música é algo do cotidiano de muitas pessoas, pode criar climas de felicidade ou tristeza, raiva ou de tranquilidade, assim criando um clima no seu dia a dia. Eu mesmo não passo um dia sequer sem escutar alguma música; ela passou a ser uma parte importante de mim, do meu cotidiano.



Aviação de verdade

Gabriel Goes Boscolo

O comandante, no portão de embarque, observa as pessoas entrando no avião, algumas com medo e outras despreocupadas. É visível, para ele, notar o medo em alguns passageiros. Ele sabe que as pessoas olham e pensam: “minha vida está na mão desse piloto”. Ele é um piloto experiente e estava tranquilo.

Procurou passar essa tranquilidade aos passageiros como se estivesse dirigindo um ônibus de um bairro ao outro da cidade. O comandante deseja a todos que estão entrando no avião “bom dia”. Quando todos estão se arrumando em suas poltronas, o copiloto faz todos os testes na aeronave para conferir se estava tudo bem e certo de que não haveria qualquer risco, enquanto isso, o comandante fez o *check* das partes externas do avião. Os passageiros estão com os cintos atados e apreensivos para a decolagem, o comandante e o copiloto se preparam para taxiar até a pista de decolagem.

O avião está na pista, às seis e meia da manhã, o comandante pede autorização para decolar, a torre de controle avisa que o tráfego aéreo está muito intenso, mas os pilotos já sabiam que receberiam esta afirmação e estavam preparados. Assim que a torre concede a autorização para a decolagem, os pilotos fazem o *check* final. Quando está tudo pronto, o comandante diz: “tripulação, iremos decolar” e empurra os manetes para frente dando potência total. Depois de vinte segundos, o avião levanta voo.



Simple Percepção de Amor

Giovanna Garcia Rocca

Deitado na cama de madrugada, para ser mais exato às 4h em ponto, com insônia, olho para o lado direito e me deparo com a beleza em forma de gente. Ah, como é linda. Seu rosto angelical, com os olhos fechados, me transmite a sensação de que tudo está em paz. Sua respiração tranquila, num silêncio que de tão mórbido sou capaz de escutar os batimentos do coração dela.

Aquele momento foi tão precioso para mim, percebi que estava segurando o mundo em minhas mãos e fui capaz de entender que éramos infinitos. A perfeição é só questão de opinião, porque, no meu caso, a nossa imperfeição foi o que deixou tudo mais incrível. O que seria de mim sem o ciúme bobo dela, sem as broncas, sem as brigas?

Bom, o que eu sei é que todos nós somos feitos para alguém; uma vez eu li uma lenda japonesa e dizia que todos nós temos uma linha invisível que liga você a sua alma gêmea e que quanto mais longe você está dessa pessoa, mais triste você ficará.

O que me dá a certeza de que ela, então, é a minha alma gêmea, já que em todo momento ao lado dela eu me sinto feliz.



Transportes Públicos

Henrique Afonso de Andrade Soares

Não costumo andar de trem, metrô, ônibus. Por isso que, quando uso transportes públicos, é como se fosse um bolo de aniversário, um raro momento legal. Claro, não é todo enfeitado como a sobremesa, mas vale a comparação. Quando o transporte começa sua jornada, fico analisando os perfis das pessoas, quem sabe encontro alguém com gostos semelhantes. Durante essa reflexão, minha atenção é voltada para uma linda jovem de trajas formais. Ela parecia respeitar um certo estereótipo, porém, ao olhar mais atentamente em seu celular, mais precisamente nas músicas que estava ouvindo, percebo que não combinam com sua aparência. Sorrio. Que brincadeira divertida. Quem sabe encontro mais pessoas com o mesmo caso. Quando vou recomeçar o jogo, novamente minha atenção é roubada. Desta vez por uma mãe e um filho, que parecia estar dando um tempo para ela com sua expressão emburrada. Isso me lembra do quanto eu me frustrava na infância quando meus pais não me davam o que queria. Vai ver era isso. Talvez nunca saberei. Cheguei na estação que precisava e, conforme adentrava naquele monte de formigas operárias, mais me distanciava do pequeno “eu”.



Sem tema, mas com muito sentimento

Letícia Alves Nunes

Recebi, na semana passada, a proposta de escrever esta crônica, passei dias pensando sobre e não cheguei a nenhum tema que realmente me agradasse.

Hoje, faltando 1 dia para a entrega, continuo sem a menor ideia de tema, mas me vejo obrigada a realizar tal tarefa. Entre tantas ideias de assuntos, surgem pensamentos que não deveria ter. Sinto meu coração acelerado, parece que há um panapaná em meu estômago, olho pro nada e sorrio, a cada palavra que escrevo aqui dou uma olhada pro celular à espera de uma mensagem... Não posso estar apaixonada! Literalmente NÃO posso, há um pouco mais de um mês estava chorando por um e, agora, passo meu dia pensando em outro. Mas, será que deveria mesmo me martirizar assim? Deveria mesmo me impedir de viver um novo amor? O primeiro era 12 anos mais velho, o segundo era jogador de basquete e me trocou pela garota do time de vôlei, o terceiro era quase 10 centímetros mais baixo e decidi voltar com a ex, e mais tarde descobri que nunca foi ex, mas e esse de agora?! Idade perfeita, sem envolvimento com esporte, a não ser academia, e isso me agrada, e é quase 10 centímetros mais alto! Ele tem que ter algum defeito... Ah, eu poderia temer sobre ser recíproco e aí tentar conter meus sentimentos, mas nem isso posso, porque ele acabou de me mandar uma mensagem dizendo que me vê além de amiga! O que vou fazer agora? Assim como esta crônica, vou deixar as coisas fluírem, ver no que vai dar e torcer para a professora, no caso a vida, ser muito boa e entender que não sou cronista, muito menos expert no amor!



Dia das mães inesperado

Letícia de Moraes Sousa

Era um domingo nublado, mercadinho lotado no horário que antecede o almoço. Era um dia das mães e, por isso, perambulavam homens aparentemente desesperados por não terem ideia do que comprar, em busca de algo para o tradicional almoço de dia das mães. Enquanto isso, na interminável fila de frios, encontravam-se conversando uma senhora e um rapaz. De trás era possível ouvir o diálogo (não sei se é possível classificar desta maneira, já que só rapaz falava), no qual o rapaz gabava-se mencionando cada item que comporia seu almoço junto a sua mãe e seus irmãos.

Enquanto ele seguia falando, a senhora simplesmente olhava com cara de quem não está interessada, e ainda por cima fingia que não era com ela, quando ele começava a falar sobre amor e solidariedade, como quem sente que não está ouvindo algo verdadeiro.

Na sequência, chega um garoto, que aparentava 9 ou 10 anos, um tanto quanto mal vestido e pobre. Neste exato momento a senhora e eu percebemos o olhar do rapaz para o garoto. Observo que somente nós três notamos o exato momento em que o menino, de fininho, pega um pacote de bolacha e esconde em seu bolso. O rapaz (sim, aquele mesmo que pregava sobre amor) parte pra cima do garoto, aponta o dedo na cara dele e começa a dizer coisas do tipo: “quem você acha que é para roubar? ou “seu imundo, saia daqui”. E quando todos já estavam olhando indignados, surpreendentemente a senhora aparece com um litro de leite e despeja sobre o agressor. As pessoas começam a aplaudir o ato, e, nervoso, o homem sai correndo de maneira envergonhada.



O garoto agradece e explica que não queria roubar, mas ele e sua mãe estavam com muita fome, e não tinham dinheiro. A senhora recusa explicações e, em seguida, convida-o para almoçar em sua casa junto à sua mãe.

Os dois saem juntos do mercadinho, enquanto uma fresta se abre entre as nuvens, fazendo resplandecer a luz do Sol sobre a senhora e sobre o garoto, que sorria um sorriso radiante.

Saí de lá, e agora sim, entendi o real valor de amar alguém.



Mais amor, por favor!

Luiza Travaglini Manechini

Às vezes fico a me perguntar o que se passa na cabeça de certas pessoas... Não é difícil nos dias de hoje ouvirmos notícias do tipo: “Mulher judia foi discriminada no mercado”; “Homem negro sofre racismo no metrô”; “Menino é espancado só por ser japonês”; e muitos outros absurdos. Na verdade, nem precisamos ouvir ou ler o noticiário para saber que o racismo ainda está presente na nossa sociedade, é possível presenciar essas situações com os próprios olhos, seja no ponto de ônibus, seja no shopping, ou em qualquer lugar do mundo. Até mesmo as celebridades são alvo dessas críticas infelizes. Uma lástima!

O engraçado, se é que há alguma graça nisso tudo, é que se formos analisar, o nosso desenvolvimento tecnológico nos últimos séculos deu um salto e tanto. Afinal, hoje dispomos de transportes muito mais eficientes do que cavalos, meios de comunicação mais rápidos do que cartas, e um acesso realmente mais fácil a informações diversas, sem a necessidade de usar livros, pergaminhos, e etc. Mas e quanto ao nosso desenvolvimento moral? Acho que não podemos dizer o mesmo desse último, uma vez que ainda existem pessoas as quais possuem um preconceito tão pré-histórico que discriminam outras apenas pela cor da pele, ou por ter uma crença diferente. E é realmente muito triste pensar que mesmo com a quantidade de informações que temos hoje, e mesmo depois de tanto tempo, essa mentalidade extremamente antiga ainda prevaleça atualmente.

Apesar de tudo, acredito que todos são livres para ter uma opinião pessoal e pensar o que quiserem a respeito de alguém em questão. Entretanto, o direito de um acaba onde começa



o direito do outro, logo, se um tem direito ao respeito, o outro dispõe do mesmo privilégio. Então, quer ser racista? OK, como quiser. Mas seja de boca fechada, sem ofender ninguém. Todos temos nossas diferenças, mas nem por isso deixamos de ter os mesmos direitos. O que custa respeitar e ter mais consideração pelo próximo?



Da Solidão para a União

Luca Formaggio Cotrufo

Estava caminhando pela rua em um dia com muitas nuvens cobrindo o céu cinza e bem triste. Enquanto caminhava, observava algumas pessoas.

Havia um homem cuja pele estava fria e branca, parecia um zumbi, podia-se ver uma expressão inexplicável em seu rosto, mas se fosse pra adivinhar, diria que está satisfeito, mas não de um jeito positivo e sim por algo ruim. Eu fiquei assustado com aquela pessoa e saí “andando correndo”.

Logo depois, encostei em um banco para amarrar o cadarço e fiquei um pouco por ali mesmo e vi uma cena triste na vida de qualquer pessoa. Uma mulher andando e a cada passo era uma chuva de lágrimas pela calçada; morena, mais ou menos da minha altura (1,80m), então não me aguentei e fui até ela com o objetivo de consolá-la e perguntei: “o que está acontecendo?” e a mulher me explicou que já estava há muito tempo sozinha e, por coincidência, eu também estava me sentindo assim, então começamos a sair... nos casamos e tivemos um menino e uma menina.

Se não tivesse visto aquele homem suspeito e amarrado o cadarço naquele exato momento, jamais conheceria a mulher da minha vida. E quem diria que um amor pudesse surgir de um momento de solidão.



O meu voto é só meu!

Luccas Sammarone

Política é a arte de governar, de servir o povo, mas, infelizmente, não é isso que temos na realidade, pois nossos governantes não estão preocupados em governar em prol do bem comum, mas em governar para interesses próprios, como visto no escândalo da operação Lava Jato.

Será que nossos governantes que ocupam os poderes legislativo, executivo e judiciário nas esferas municipal, estadual e federal conseguiram seus cargos apontando armas para que algumas pessoas os pusessem lá? Não, nós, o povo, os colocamos lá. Nós, o povo, lhes demos poder.

Será que sabemos votar, será que não estamos vendendo nossos votos por promessas de uma vida melhor, por bolsa família, bolsa educação, bolsa chuteira? Será mesmo que estamos preocupados com o caráter, desejos, filosofia partidária e intenções do nosso candidato?

Escrever sobre política é sempre algo difícil e complicado, além de ser algo “perigoso”, pois cada um tem o seu ponto de vista e dificilmente não haverá críticas e discussões sobre o tema, porém deixar de falar sobre isso também pode ser interpretado como um ato de alienação, ou de não total desprezo e desinteresse sobre o assunto, não dando valor e preocupação à realidade.

Sendo assim, para muitos que almejam alcançar um cargo na vida política não há limites; fazem de tudo para chegar ao “topo”, jamais se dão por vencidos, mesmo que isso acarrete o envolvimento de promessas, promessas que jamais serão cumpridas, ao menos que se possa tirar algum proveito pessoal; promessas que deveriam ser cumpridas com ações, mas



que não são realizadas. Omissões na saúde, na educação, nos cofres públicos.

Quando as pessoas de fato começarem a se interessar e gostar da política, as intenções, as formas como tratar o próximo, as proposituras expostas serão analisadas e o voto será feito conscientemente.



Intolerância da sociedade

Maria Fernanda Rotatori

Um dia, caminhando pelas ruas de meu bairro, me deparei com um fato engraçado e ao mesmo tempo muito caridoso. Um senhor estava na avenida principal de meu bairro, dando bom dia e abraços em todos e todas que passavam por ele... E assim, nesta brincadeira bondosa, aconteceu um fato extremamente desagradável, mas que infelizmente representa muitas pessoas de nossa sociedade.

O senhor foi abraçar um cara que estava vestido muito bem por sinal e o homem não reagiu nada bem. Assim que o senhor chegou perto, o rapaz o empurrou deixando o senhor cair no chão brutalmente se machucando. Várias pessoas, inclusive eu, foram ajudá-lo.

Assim que levantei o senhor, fui em direção às pessoas que estavam perguntando ao homem por que tinha agredido o senhor dessa forma, e o homem se justificou falando que GOSTAVA DE MULHERES e que não gostava de receber carinho do outro gênero. Inconformada, fui perguntar ao senhor se estava tudo certo para seguir o meu caminho até a academia. No caminho, comecei a pensar em como a sociedade se tornava cada vez mais impaciente e preconceituosa, que as pessoas não aceitam mais nenhuma forma de amor. Até quando vamos ser tão intolerantes?



O incrível mundo nerd

Maria Luiza Neves Drosghic

Engraçado ver que atualmente ser nerd é moda, todo mundo quer ser como os *geeks* reconhecidos por criarem a famosa sequência de filmes 'Star Wars', ou até mesmo como aqueles que leem inúmeras HQ's, colecionam bonecos e quadrinhos antigos e raros, são mais do que inteligentes e se tornam grandes executivos de valiosas empresas que possuem sede no maior e mais reconhecido tecnopolis do mundo: o Vale do Silício.

Andando pelos corredores da escola, pude perceber que muitos dizem ser orgulhosos de sua inteligência e sua intelectualidade. Mas será que estes são os verdadeiros *nerds*? Atualmente essa é a moda, todos querem ser *geeks*, todos querem entender desse incrível mundo. Ao sair na rua, pude notar pessoas usando camisas do Lorde Darth Vader, mas por que será que tão de repente esse mundo voltou com tanta força causando impactos extraordinários por onde passa?

No fim do último ano, houve o lançamento de um filme que foi muito amado na sua época e marcou os corações e memória de todos os *nerds*: *Star Wars Episode VII – The Force Awakens*. Um filme tão memorável, que teve seu primeiro episódio lançado no ano de 1977, e agora todos se orgulham de ao menos ter assistido a um filme da sequência. Mas não quero falar apenas da série criada por George Lucas, quero também citar os super-heróis.

No ano de 1938, foi lançado o primeiro quadrinho, contando a história do *Superman*, o homem que posteriormente seria amado por crianças e adultos. Esse se chamava *Action Comics* e foi lançado pela, na época, chamada *Detective Comics, Inc* e hoje conhecida como *DC Comics*, atualmente também é considerado o 'marco zero' das HQ's, sendo o item mais raro



e caro de colecionador, e não existe nenhum *nerd* que não queira ter esse dito cujo.

Com o lançamento de Super-Homem, vieram mais e mais *comics*, e atualmente existem milhares de histórias de super-heróis sendo contadas. Um dos mais famosos do ano é o *Deadpool*, que já causou muita polêmica. Muitos eram contra o filme, já que Wade Wilson (personagem que foi interpretado no filme por Ryan Reynolds) é um ex-agente das Forças Especiais que se tornou um mercenário pra ganhar a vida. Com tanta polêmica envolvida, o mais famoso dos anti-heróis se tornou símbolo da comédia em quadrinhos, e ganhou o coração de muitos que não são nem mesmo *nerds*.

Mas a vontade de ser *nerd* é tão grande, que muitos leem algumas coisas sobre todo esse mundo e acham que o conhecem bastante, basta andar pelas ruas para ver, basta andar pelos corredores de escolas e faculdades para ver, se olhar para o lado verá.

Ser um *nerd* não é mais sinônimo de vergonha, é orgulho, e não importa quem você é, quantos anos você tem, sempre haverá um *nerd* dentro de você, esperando para ser descoberto. Para isso, não é necessário somente ler quadrinhos, assista a filmes, procure saber das histórias, seja mais inteligente do que já te falaram que é, mas, o mais importante, é entender as referências.



Lembranças

Matheus Foizer Lombardi

- Tio, conta uma historinha pra mim?

- Claro, pequenina.

Vou lhe contar uma história sobre uma viagem. Há muito tempo existia uma menina, um pouco mais velha que você, seu nome era Mary.

Ela estava prestes a se formar e teria uma viagem de formatura à qual suas amigas a convenceram ir.

Depois de algumas semanas, elas embarcaram no ônibus. Chegando lá, foram pegar suas chaves do chalé. Como tinham mais de 200 pessoas, demorou muito, foram tão azaradas que pegaram as chaves por último.

Mary ficou com suas cinco amigas, Nivy, May, Gabriela, Rafaela e Giovanna. Com a chave do chalé, elas colocaram suas bagagens no quarto e foram ver como era o local; cada uma queria fazer alguma coisa diferente.

Mas não vou entrar em detalhes senão ficaria chato. Resumindo, Nivy só dormia e só acordava para comer e ir para as festas; May só ficava com o namorado no telefone; Mary e Giovanna sempre estavam na piscina; e Gabriela e Rafaela jogavam basquete.

Dois dias antes de terem que ir embora, Mary resolve ir andar a cavalo, já que ainda estava cedo e ninguém queria fazer nada.

Então Mary foi sozinha, mas não era a única que iria andar a cavalo, lá ela conhece Fernando. Os dois ficaram conversando a tarde toda, até que Fernando a convida para ir ao baile. Mary aceita na hora.



Resumindo de novo, foram os melhores dias de Mary, ela se divertiu e finalmente encontrou alguém que gostava das mesmas coisas que ela.

Depois do baile, Mary e as meninas voltaram para o chalé. Nivy, pela primeira vez, não estava com sono, então ela pegou sua caixinha de som e começou a dançar feito doida, tanto que ficou pulando na cama e a quebrou.

No dia seguinte, arrumaram as malas. Mary se despediu de Fernando e disse que um dia iriam se encontrar novamente.

Todos foram para o ônibus e, depois de uma longa viagem, enfim chegaram a suas casas.

- Eae? Gostou da historinha?

- Sim!!!!

Quando o tio foi se levantar de sua cadeira, sua irmã chega à sala:

- Oi, gente, o jantar está pronto.

- Mamãe, o tio Má estava contando pra mim uma historinha de uma viagem e de uma garota chamada Mary.

- Não é aquela história que ele muda os nomes para parecer que não aconteceu com ele?

O tio responde baixo e com desânimo:

- Essa mesmo.

- Bom, chega de historinhas por hoje, venham jantar.



No Estilo Eurolook

Patrick Miura Mestre

A nova tendência no Brasil tem influência vinda diretamente da Europa, e está cada vez mais forte nas ruas de São Paulo.

Com tantos amantes por carros customizados sob essa influência, só podia resultar em uma coisa: a busca por novos projetos para serem os mais exclusivos possíveis.

Mas a busca por exclusividade tem seu preço! Os proprietários investem pesado nos carros. Porém, sem sair do padrão. Carro baixo, roda larga, pneus *stretch*.

A procura por inovação fala mais alto. Com um troca-troca de rodas a gosto do proprietário, ele não para até ficar de seu agrado.

Já o reconhecimento é o mais gratificante, pois alguns fazem tanto sucesso que os gringos entram em contato para conversar sobre o projeto.

Nas exposições, o mais gratificante é ver os amantes de carros “pagarem pau”, pois, com a aprovação do público, vimos que nosso trabalho não agradou somente a nós, proprietários.



Eu não preciso ser igual

Raquel Veríssimo Vital

“Eu só queria fugir”. Às vezes esse pensamento ecoa na minha cabeça quando me olho no espelho e percebo: vivo sempre o mesmo dia. É sempre o mesmo caminho percorrido pela manhã, são os mesmos rostos encarando a mesma lousa, é o mesmo caderno (tirado do mesmo zíper que emperra no chaveiro) que se preenche anualmente com a minha letra – esta, a única que muda periodicamente. São as mesmas pessoas no elevador a quem desejo um “bom dia” forçado; são as mesmas escadas que subo religiosamente atrasada às sete horas e um minuto para abrir a porta da classe, pedir licença e sentar naquele mesmo lugar: quinta fileira, última carteira. Conversa, procrastinação, concentração... e assim se passa a manhã. Aquela mesma piadinha jogada no ar, o mesmo casal que todos torcem pra que fiquem juntos, mas que, honestamente, pouco me importa.

As horas de estudo, apesar de nem tão bem aproveitadas, me carregam as pálpebras depois do almoço. Durmo (e como!). Acordo. Tarefas, banho, jantar, praticar, dormir de novo. Uma vida inteira em um parágrafo e meio. Mas do que fugir se tudo vai bem? Se há comida na mesa, carro na garagem, bons sapatos nos pés? “Você tem tudo”, me contraria a voz na minha cabeça. Tudo? Acho que não.

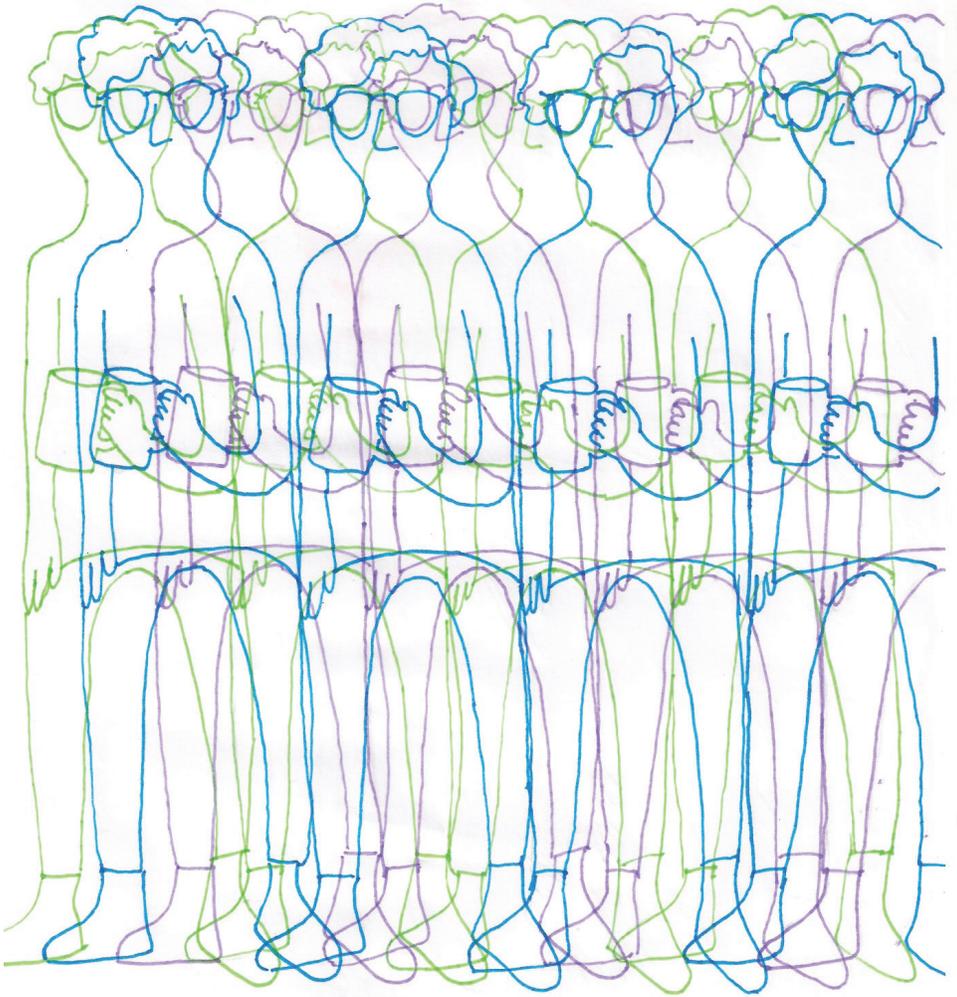
Um dia, algo de estranho me aconteceu. Não acordei às seis: o antialérgico da noite passada não me permitiu. Acordei às nove e meia. Ao colocar a xícara na boca, um susto: leite desnatado. Não tem pão, como uma banana. O que acontecera com a sequência de fatos diários? Sentei no sofá sozinha. A sensação era confusa. O silêncio e o bege da parede eram, ao mesmo tempo, agradáveis e incômodos para uma pessoa acos-



tumada a estar cercada por quarenta adolescentes barulhentos todas as manhãs. Eis o dia da fuga. Mas como? Uma volta no parque no meio da semana seria suficiente. De jaqueta jeans, camisa xadrez (roupas de quem obviamente está desabituada com caminhadas no parque), e mexerica na mão fui ao encontro do inesperado. Senti o cheiro das árvores, o vento da manhã que o carro não me permitia sentir. Depois de subir a rua de casa, vi os idosos indo e voltando do mercado. Dava para ver que fugiam como eu, mas nesse caso, do gelado de suas casas de quintais vazios, de seus apartamentos gelados, visitados só uma vez por mês pelos filhos bem-sucedidos. Descubri o prazer em observar desconhecidos e imaginar quem são, para onde vão, quem amam, sua música favorita. Cheguei ao parque: senti a tranquilidade da vegetação (nem sabia que gostava tanto de árvores) e a música que tocava no sistema de som (*A-ha* logo cedo). Tinha como ser melhor?

Sentei-me. Por que uma simples volta no parque teria me feito tão bem? Não estou na mesma cidade? E amanhã? Teria que voltar ao cotidiano. Percebi: o problema não estava nas coisas que me cercavam todo dia, mas em mim. Fui eu que me rendi à mesmice. Mesmo nesse dia diferente eu fui a mesma, não dei “bom dia” para os que observei. Posso muito bem dar “bom dia” no elevador, voltar pra casa andando e sentir as árvores todos os dias se quiser. Levar para a escola bananas em vez de sanduíche, ou até uma fruta diferente por dia. Os dias não precisam ser iguais. Eu não preciso ser igual. Não seremos.





RAQUEL V.



Falsa liberdade

Roberta Almeida Sampaio

Da janela do meu quarto vejo pessoas passando, pessoas estressadas, pessoas calmas, pessoas apressadas, todo tipo de pessoa. Independente de como se sentem, estão sempre presas a algo, a algum lugar, a alguém, ao tempo, ao trabalho, com uma falsa sensação de liberdade que acreditamos ter, como zumbis que não pensam andando por aí.

Se ao menos essas pessoas pensassem! Fomos abençoados com o pensamento; se pensássemos o porquê de estarmos onde estamos, ou por qual propósito estamos aqui; se realmente lidarmos com os nossos sentimentos, será que ainda estaríamos presos? Se ao menos as pessoas que vejo da janela do meu quarto pensassem.



Sim, Não, Talvez?

Tessa Ponce

“Olá vizinha!” escuto à minha porta, como todos os dias, e também, como todos os dias, quero ignorar aquele chamado, porém existe a conduta de boa vizinhança a qual não quebro. Respondo e entro na casa, beijo o meu cachorro e continuo andando até o banheiro; sento na privada, leio notícias que não me interessam realmente e percebo que esse vai ser outro, outro daqueles dias que vivo desde que me lembro, a mesma rotina que meu lado conformista adora e meu lado desafiador detesta.

O dia passa, banheiro, comida, trabalho, amigos, família, compromissos, estresse, até chegar ao final do dia, quando entro em casa, beijo meu cachorro, vou ao banheiro, entro em redes sociais pelo meu celular e vou dormir. Assim se passam dias, semanas, meses, anos e então uma vida inteira.

Acordo, penso no meu “tudo de novo”, reflito sobre as minhas ambições e por que as deixei; percebo que tudo foi circunstancial e eu o deixei acontecer, me deixei levar, pensando que algum dia aquilo que com tanta ansiedade esperavam chegaria. No final, tudo é mesmo circunstancial, concluo.

Vejo a vida das outras pessoas, será que é igual? Será que elas também foram vítimas das circunstâncias? Será que todos somos? Será que todos o percebem? Teria sido diferente se aquela vez eu tivesse dito sim?

O não saber e a incerteza não nos levam a nenhum lugar isso é uma certeza!



A corrida do bate ponto

Thamires Candalaft

Acordei atrasada e meu desespero foi total: Tinha 30 minutos para chegar ao trabalho, e não havia nem saído da cama.

Pulei do colchão e parti para o banheiro; não daria tempo de tomar banho, então “virei” o frasco de perfume, logo direcionando meu olhar para o espelho.

Se eu não soubesse que estava no meu banheiro, teria, juro de pé juntos, achado ser Ann Darrow prestes a ser pega pelo macacão.

Base. Corretivo. Pó compacto. Emulsão iluminadora. Blush. Sombra. Lápis. Delineador. Batom. Gloss. Depois de estar rebocada e pronta, saio porta afora.

A sorte começou a brilhar pra mim quando meu ônibus já estava no ponto assim que cheguei. Subi. Já dentro do automóvel público, acalmei-me vendo que ainda faltavam 15 minutos.

Como se já não fosse bom, no ponto seguinte sobe ele, mas não um “ele” qualquer, mas um ele Ele!

Olhei pra Ele. Ele olhou pra mim. Uma breve analisada, com direito a sorrisinho, e que sorrisinho! Pensei em pedir seu número, mas, pelo que percebi, passamos tempo demais nos encarando, e já tinha chegado a minha parada.

Desci. Corri. Cheguei. Depois de seis atrasos seguidos eu finalmente estou aqui no horário.

Passo a porta do escritório e me deparo com meu chefe, este olha pra mim dos pés à cabeça e diz:

- É ótimo você se empenhar pra compensar os atrasos, mas não precisava vir de pijamas.



Um lugar cheio de sentimentos

Virginia Negri Muniz

Anunciaram o embarque do voo com destino a NY. Interessante observar as pessoas se movimentando no aeroporto. Quem estava partindo? Quem estava chegando? Quem simplesmente veio se despedir ou receber alguém? Isso é possível distinguir pela bagagem da pessoa, por exemplo: malas com a sacola “Duty Free”, com certeza estava voltando de alguma viagem internacional.

A chegada de alguém é uma alegria. Então, normalmente a sacola “Duty Free” sempre vem acompanhada de um sorriso, principalmente de quem está recebendo o presente e matando a saudade do viajante recém-chegado.

Vários são os sentimentos que podemos notar nas pessoas que andam pelo aeroporto: tristeza, amor, carinho, alegria e, principalmente, saudades. A saudade começa no instante em que a pessoa querida embarca. A saudade acaba quando retorna.

Nenhum outro lugar reúne tantos sentimentos como o aeroporto!



CRÔNICAS DO 2ºB



E se?

Amanda Louzada Batista dos Santos

Se eu fosse humano, na maioria das vezes traria dor, dor por muitos e muitos anos. Pessoas iam se chatear comigo, mas eu não seria mau, isso não. Porque um dia, quando menos se esperar, quando menos procurar, quando o cansaço de querer encontrar alguém para me dividir for grande, nesse dia, eu trarei a felicidade, e ela se estenderá por outros longos anos; talvez, não sei. O que eu sei é que essa felicidade vai valer por todas as vezes que se foi triste, vai confundir a tristeza, torná-la boba, desnecessária.

Foi assim que aconteceu com o meu casal preferido. Com a minha junção favorita.

Maria Flor, 17 anos, gosta de livros, mas não qualquer um, gosta de livros de estória que tem história, sabe? Talvez seja mais compreensível se eu disser que seu lugar preferido é o sebo, ao lado da loja de LP que Olavinho frequenta. Olavinho, 18 anos, apaixonado por discos. A mocinha, todo o dia depois da escola, pega um ônibus que a leva até onde encontra sua segunda paixão... Livros, porque a primeira é (era, na verdade) seu namorado, de quem não gosto muito, então, aqui, ele não tem nome!

Um dia, Maria Flor e o-tal-namorado-sem-nome brigaram. Brigaram feio mesmo, como sempre brigam. O motivo? Não se sabe, o que é certo é a vontade que Maria Flor teve de parar a briga, mas o zé ninguém não se esforçou, ele realmente queria aquilo. Se separaram. Os corações e corpos, e Flor jurou que nunca mais abriria seu coração pra alguém. Era muita dor. Nossa menininha, então, acabou perdendo seu ônibus, mas não desistiu de ir ao seu lugar de conforto, afinal, não queria o dia pior do que já estava.



Esperou cinco minutos no ponto, nesse tempo, Olavinho usufruía de seus últimos momentos de sono. Ele acordou, ela entrou no ônibus. Em meia hora ele se arrumou e saiu para andar até a loja de LP, nessa meia hora ela chorou bastante ouvindo suas músicas tristes no trajeto. Aí chegou o momento em que os dois estavam na mesma calçada, ao mesmo tempo, indo em direções que se cruzavam, quando um olhar triste e lindo cruzou com outro que congelou. O corpo do segundo olhar sentiu um coração vivo, batendo forte, mostrando que estava ali, sendo conquistado, mas foi em um curto espaço de tempo que o primeiro olhar se desviou e adentrou ao seu destino, o sebo. O coração mais vivo do que nunca, que se dirigia à loja de LP buscou encaixar os olhares de novo e seguiu o coração despedaçado até onde havia ido, mas antes de entrar viu uma mulher vendendo flores, comprou uma, agia por impulso, agia por amor, à primeira vista sim. Agora, pronto, se dirigia à Maria Flor. Pra disfarçar o que ele preferia dizer que não era perseguição, Olavinho pegou um livro e fingiu interesse, até gostava deles, mas no momento seu foco era outro. Deu alguns passos e esbarrou na nossa menininha, esbarrou em um olhar que brilhava em beleza mesmo com tanta dor, foi difícil proferir as próximas palavras... “Uma flor para outra flor”, gaguejou, quase não se pôde ouvir, a reverência e a mão estendida segurando um girassol o faziam parecer estar vivendo seu primeiro amor.

- Como me conhece? Não me lembro de você. - E ela sorriu. Ela sorriu. Olavinho a fez sorrir no meio dessa tristeza e eu fiz o coração da pequenina saltar. Ela se assustou, não achou graça, pensou em como conseguia acreditar no amor depois de “você sabe quem” tê-la machucado.

- Não conheço, mas gostaria. A começar por uma coisa simples... Seu nome. - Olavinho se apressava, no momento



não se via capaz de enrolar, era a menina mais incrível do mundo inteiro.

- Maria... Flor! Meu nome é Maria Flor. - Os dois riram juntos e depois dali, um coração vivo e outro sendo curado foram conhecer a loja de LP.

Desde então, os dois olhares, corpos e corações vêm descobrindo como os braços se envolvem, como as mãos se encaixam, como os olhos se sorriem e como tudo isso junto se ama.



Mudando conceitos

Andressa Queiroz Ramires

Um jovem de 21 anos costumava sair de carro todas as sextas para se encontrar com seus amigos e se divertir, era um rapaz bonito, alto, universitário, inteligente, o primeiro da turma, aparentava ser perfeito, a não ser por uma coisa: ele era egocêntrico e preconceituoso. Odiava pessoas que não entravam nos padrões de beleza que a sociedade impunha. Adorava ridicularizar quem possuía *piercings*, alargadores, tatuagens, um cabelo diferente, e até mesmo julgava as pessoas pela sexualidade, nacionalidade e cor delas. Ele não amava o próximo... Amava apenas a si mesmo.

Um dia, no caminho de um desses encontros com os amigos, ele encontrou um homem que tinha os braços cheios de tatuagem, e possuía *piercings* na face; este homem estava sozinho, então essa se tornou uma situação perfeita para o jovem derramar seu ódio. Houve vários insultos, e até uma brincadeira de mau gosto, ele jogou o carro para cima do homem para assustá-lo; este permaneceu calmo, deu apenas um pulo para trás, e continuou andando tranquilamente como se nada tivesse acontecido, apenas desprezou o universitário. O rapaz, como viu que suas “brincadeiras” não o afetaram, ofendeu o homem mais ainda, com um vocabulário mais baixo que o utilizado anteriormente, e depois continuou o seu caminho para a casa de seus amigos estressado.

Quando olhou no relógio se deu conta de que já estava atrasado uma hora, então se apressou, ultrapassando o limite de velocidade e ignorando todos os semáforos, afinal, como era bem tarde, o fluxo de carro era muito pequeno. Até que em um desses faróis, o trágico aconteceu. Um caminhão acertou seu carro com toda força. O impacto foi tão grande, que deixou o



carro do moço como uma latinha de refrigerante amassada, tudo aconteceu muito rápido, logo o garoto não viu nada.

Acordou no hospital... Estava com quase todo seu corpo enfaixado e perguntava desnorteado o que tinha acontecido, onde estava e que horas eram... Até que um homem entra no quarto:

- Ele acordou? - Pergunta para a enfermeira.

- Sim, a primeira vez em 7 dias.

Ele vai em direção ao jovem enfaixado que estava em péssimas condições e diz:

- Foi um milagre termos conseguido salvar você...

Estava desacordado há uma semana desde o acidente, você possui várias fraturas, e tivemos que te operar, mas agora já está tudo bem, pode ficar despreocupado.

Este homem era o cirurgião chefe daquele hospital, aquele que tinha salvado a vida do jovem adulto. O médico foi medir os sinais vitais do paciente, até que por um pequeno descuido a manga de seu jaleco escorrega um pouco, e o rapaz percebe uns riscos no braço do doutor, e pequenos furos no rosto dele... Eram tatuagens, e furos de *piercings*. Só então ele se dá conta de que o homem que tinha salvado sua vida não era nada mais, nada menos, que o mesmo homem que ele havia agredido com palavras horríveis, naquela mesma noite em que havia ficado a apenas um passo da morte.

Não deixe o orgulho ser maior que suas amizades

Bárbara Ribeiro Gomes

Durante toda nossa vida fazemos várias amizades, algumas dessas começam de repente e, da mesma forma que começam, acabam, restando apenas boas memórias; outras estão com a gente há muito tempo e ao nosso lado permanecerão, não importando o que aconteça. Esses vínculos surgem de diversas formas, não importa como, quando, e por quê; o que realmente importa é ter uma, é poder confiar em alguém, ter alguém que te apoie, que dê bronca quando necessário, que se preocupe, que faça você se divertir (principalmente nos momentos ruins), alguém com quem você sabe que sempre pode contar, etc., não importando as diferenças, os gostos ou qualquer outra coisa, porque, apesar de tudo, o carinho e o cuidado que um tem pelo outro prevalece; mas em uma amizade, como em qualquer outro tipo de relacionamento, nem tudo é um mar de rosas, as pessoas também brigam e, infelizmente, isso pode acabar com ela.

É isso que estou vendo muito ultimamente, grandes amizades terminando por pequenos desentendimentos; grandes amigos que se adoravam e agora se odeiam; grandes momentos e boas memórias sendo deixadas de lado; tudo isso ocorrendo muitas vezes por conta do orgulho. Quando vejo isso fico muito triste. Eu sei que às vezes as pessoas cometem grandes erros, mas sei também que elas podem se arrepender. Errar é humano e se a pessoa que fez se arrependeu, não vale a pena ser orgulhoso ao ponto de não perdoar, o ódio e o rancor não levam a nada, principalmente se for por uma pessoa que um dia participou de grandes memórias suas. Se a pessoa não se



arrepender, repense. Às vezes o erro pode ter sido seu e você nem percebeu, e mesmo que não tenha sido, perdoe, a amizade não precisa voltar a ser a mesma, a confiança e as outras coisas que a amizade atrai voltarão com o tempo e, mesmo que ela chegue ao fim, perdoe em nome das boas memórias que um dia tiveram juntos. Não deixe o orgulho acabar com suas amizades e com nada em sua vida, o peso que se carrega tendo sentimentos ruins é enorme e isso atrapalha, faz mal, muitas vezes o perdão é a melhor solução, é bom para quem perdoa e para quem é perdoado, principalmente por que grandes momentos e amizades não podem chegar ao fim por conta de um mero orgulho, pois com certeza uma amizade vale muito mais que isso.



Um sentimento inexplicável

Bruna Venturi Requena

Se procurarmos o significado da palavra amor no dicionário, aparecerão inúmeros significados, mas o que é realmente o amor?

Um sentimento inexplicável, que muitas vezes parece não caber dentro de nós de tão forte que é, arrebatador, lindo, capaz de nos proporcionar inúmeras sensações, desde as melhores alegrias até as piores mágoas.

Até que ponto chegamos por amor?

Muitas vezes nos submetemos a inúmeras mudanças só pra agradar quem amamos, mas será que isso tudo vale a pena? será que é necessário mudar pra agradar alguém?

Antes de amar ao próximo devemos nos amar, e não nos submetermos a mudanças pra agradar alguém, se ela não é capaz de nos amar do jeito que somos, infelizmente não é a pessoa certa.

Porque o amor é isso, é sabermos aceitar as diferenças e aprender a conviver com elas, é sabermos respeitar o outro acima de tudo; é muitas vezes darmos o braço a torcer. O amor é essa coisa louca que chega do nada e toma conta de tudo.

Foi Shakespeare quem disse que o amor é cego. E realmente, tenho certeza de que isso é verdade.

Para outras, o amor se vai. Mas também pode existir, mesmo que só por uma noite.

E ainda existe aquele que praticamente mata suas vítimas, o amor não correspondido e, nesse tipo, sou experiente...



Ônibus

Carolina Carvalho da Silva

São 06:50 de uma manhã fria e gelada. Não conheço ninguém e eles não me conhecem. São 07:20. Ele está atrasado, vai dar tempo de chegar na segunda aula. Meu Deus, está muito frio. Finalmente! Ele chegou! Bom Dia! Ui, perdão! Moça, eu não tenho trocado. Tudo bem, eu espero. Ótimo, perfeito, “adoro” ônibus lotado. Rápido! Encontre um lugar para encostar! Que horas são, por favor? Ah, são... 07:25. “Ok”, obrigada. Pelo amor de Deus motorista, quer matar a gente? Cheguei! Corre! Ai quantos degraus... Misericórdia! Preciso de água! Falta quanto para a segunda aula? 15min? Ah... Eu aguento. “TRIIM!” Amém, segunda aula! Bom Dia, “prof”. Ué, você? Atrasada? Que estranho! É... O ônibus atrasou.



Tempo: ilusão

Carolina Rossi

A cada dia vemos tantas coisas, ouvimos tantas outras. Conhecemos novas pessoas, novos lugares, aprendemos coisas novas, recordamos coisas que já passaram e que agora, só existem em imagens da lembrança... Afinal, cada dia é único para ser lembrado, ou apenas mais um “x” no calendário?

Ainda temos um ano inteiro, é muito tempo, muita coisa pode acontecer! ...

Faltam 6 meses, vai demorar...

Faltam 3 meses, ainda está longe...

Falta um mês, “Ah, não está tão perto”!

Faltam 20 dias, ainda temos tempo.

Faltam 10 dias, está se aproximando!

Faltam 5 dias, temos pouco tempo!

Faltam 3 dias, estamos quase lá!

Faltam apenas 2 dias, estou tão ansiosa! ...

Finalmente, é amanhã, tudo pronto? Preparados?!

Chegou!!

É hoje! Agora! O presente em que estamos vivendo... que horas são?

Passa 1 segundo, depois 40 minutos, 2 horas, já foi metade do dia. Já está tarde. Começa a anoitecer, já está no final. Passou! Acabou! Já foi! “...tá bom, beijo, tchau!”. Odeio despedidas.

Então o “FIM”. Hoje já é passado. Hoje já não existe mais.

E o que sobrou? Pinceladas de lembranças, memórias abstratas, ideias metafísicas, coisas imaginárias.

Apenas o passado.



Tic, tac

Daniele Brois dos Santos

Tic Tac, Tic Tac... O relógio vai marcando os segundos, minutos, horas... Vai marcando o tempo... Ah, o tempo! Uma coisa tão preciosa nos dias de hoje. Tempo para isso, tempo para aquilo, a necessidade de tempo para planos futuros faz com que nos esqueçamos do presente. Tic Tac, Tic Tac...O futuro. O que é o futuro? Essa pequena palavra de apenas seis letras causa medo, ansiedade, felicidade, preocupação ou até mesmo tristeza. Pensar sobre o futuro é algo muito comum entre os jovens que estão começando agora a estrada da vida, tendo um longo caminho para percorrer. Escolhas e decisões são coisas que farão parte da nossa vida, querendo ou não. Que faculdade fazer? Que caminho tomar? Quais são meus sonhos? Sempre aquela pergunta: “o que o futuro me reserva?” Porém, pensar no futuro todo o tempo é perda de tempo. Tic Tac, Tic Tac...

- Vamos sair?
- Não posso, estou estudando.
- Venha se divertir!
- Não dá, estou trabalhando.
- Vamos viajar e curtir as férias!
- Não posso, estou no curso de línguas.
- Você precisa cuidar da saúde...
- Não dá! Tenho que ir trabalhar.
- Trabalhou e estudou tanto, mas não se divertiu nada.

Nós sempre achamos que vamos ter mais tempo, mas aí, o tempo acaba. Com isso, temos muito a aprender com um antigo provérbio chinês: “O passado é história, o futuro é um mistério, mas o hoje é uma dádiva, por isso é chamado de presente”!



A dor da saudade

Gabriela Santos Ferreira

Existem dois tipos de saudade: a boa, que você pode matar, e a ruim, que não pode ser resolvida. Ela dói, e é uma dor que precisa ser sentida, é inevitável. O que nos ajuda a passar por isso são as lembranças, que enchem nosso peito; por hora é emocionante, em seguida, o sofrimento de sabermos que não podemos voltar no tempo e reviver aquele momento, sabermos que não terão novas histórias por um longo tempo ou em alguns casos para sempre...

A saudade nos ensina a dar valor às pessoas e aos momentos, aprendemos a não ligar para as circunstâncias, apenas para estar junto de quem amamos. Após vivermos algumas coisas como perdas, distância, podemos entender o quanto a frase “a saudade nos castiga” é real.



Aprendendo com os erros dos outros

Giovanna Asergo Cordeiro Pires

Todo dia saía de casa para o trabalho e já sabia que lá na rua o trânsito caótico me esperava. Todo dia era a mesma loucura: via pessoas estressadas, xingando todo mundo; via mulheres mais preocupadas em passar seus produtos no rosto do que dirigir; famílias conversando e outras com todos os membros mexendo em seus celulares; casais discutindo, outros conversando e até mesmo pessoas, como eu, que esperavam pacientemente chegar a seus destinos; já vi muitos acidentes e situações desesperadoras. E então, depois de muito tempo no trânsito, chegava ao meu trabalho.

Quando dava o horário de ir embora, saía do prédio e me dirigia direto ao estacionamento onde havia deixado meu carro e iniciava meu caminho de volta para casa que, assim como pela manhã, duraria muito tempo, já estava acostumada. Não me considerava muito boa de volante, mas sempre respeitava as leis de trânsito e não costumava andar em alta velocidade, sempre respeitando os outros.

Mas eu percebi da pior maneira que dirigir não depende só de você, não sei exatamente o que aconteceu naquele dia, mas eu estava quase chegando a minha casa, passando por um cruzamento, quando de repente um veículo em alta velocidade se chocou com meu carro, e tudo escureceu. A última coisa que pensei foi que o trânsito amanhã seria ainda pior.



A escolha correta

Guilherme Ratti Pantolfi

Gustavo era um adolescente e, como todo adolescente, ele tinha uma paixão. Namorava uma garota da sua ex-escola, a Julia. Já estava há alguns meses com ela, viviam um romance jovem, inocente e, acima de tudo, sério. As famílias eram muito próximas, sua mãe amava a garota, disse até que ela era a menina que havia pedido a Deus para seu filho. Eles estavam há seis meses juntos.

Antes de começar a namorar e se apaixonar, Gustavo era um menino que nunca foi de se apegar muito às meninas com quem ficava, apenas tinha um momento rápido, mas nada que fosse levado a sério. Nesta época, Gustavo era a fim de sua melhor amiga, porém, a menina namorava. Então Gustavo resolveu deixar seu sentimento de lado e curtir sua vida, chegou até a ficar com ela quando ela terminou com o namorado, mas o sentimento dele não tinha a mesma intensidade. Gustavo passou a gostar de Julia, e então começaram a namorar; os dois viveram vários momentos juntos, saíram, viajaram, brincaram, enfim, se amaram.

O tempo passou até que, como em todo relacionamento, começaram a ocorrer brigas. Ela pedia que ele mudasse e ele acreditava que ninguém muda por ninguém. Ele não mudou, então, diante de todos problemas, decidiram terminar. As famílias do casal sofreram muito com o término dos dois; a mãe de Gustavo pedia chorando para que ele voltasse com a garota. Ao ver sua mãe daquela forma, Gustavo decidiu dar uma chance aos dois, não deixar seu relacionamento morrer daquela forma.

Ele, estando com ela de novo, não conseguia sentir mais nada; as coisas pra ele não eram como antes, sentia como se



alguém tivesse a sua paixão. A situação dos dois teve um fim, quando aquela melhor amiga de antes se declarou e falou que gostava dele. No mesmo instante que a garota fez isso, o sentimento dele por ela começou a queimar de novo, diante disso tudo ele teve que tomar uma decisão difícil: terminar.

Gustavo então se abriu com sua melhor amiga, falou o que sentia a ela, eles decidiram tentar, começaram apenas com um lance, depois passaram a “ficar” sério. Namoraram e, no final das contas, acabaram se casando. Tiveram seus filhos e foram felizes escrevendo sua própria história. Foi através de uma decisão difícil que Gustavo tomou que ele passou a ser feliz pelo resto de sua vida.



Presente de Natal

Henrique Peres

Bom dia, senhor! Por favor, os seus documentos?

- Senhor Policial, aconteceu alguma coisa?

- Não, senhor! Não aconteceu nada demais. Foi só o meu radar que me contou que o senhor estava dirigindo a 140 km/h. Sendo que o limite de velocidade nessa rodovia é de 100 km/h.

- Policial! Deve estar acontecendo algum engano. Aqui no meu carro o velocímetro estava registrando somente 95 Km/h, e isto está dentro do limite permitido, OK? De qualquer forma, aqui estão meus documentos.

- Senhor! Eu não posso dizer o que estava sendo marcado aí no velocímetro do carro do senhor. Só posso ter certeza do que foi registrado aqui no nosso equipamento, por isso terei de multá-lo por excesso de velocidade. Senhor, só um instante... Estou recebendo informações de que o senhor já está com a sua habilitação quase suspensa por causa das constantes multas... Só mais um minuto... O quê? O senhor é o comandante do policiamento de trânsito da região norte! É o senhor mesmo? E o senhor está nesta triste situação?

- É... Não é bem assim. Três multas são da minha mulher... as outras duas foi o meu filho quem...

- Sei! Sua mulher. Seu filho...Ahã! Ahã! OK! Compreendo. Bem, como o senhor ainda não tem nenhuma multinha, toma essa aqui de presente de Natal. Boas festas, Senhor!



Exclusão social

Isabella Bravo

Era um domingo frio, Paulo foi comprar alguns alimentos para cozinhar para sua família. Procurou algumas batatas, tomates, peixe e algumas frutas. No momento de pagar, a fila estava imensa, e havia muitas pessoas exaustas. Decidiu, então, largar sua cesta de compras no chão, ao lado do seu pé, e em seguida telefonou para sua mulher.

Depois de um tempo conversando com ela, reparou que havia uma moça, a qual estava olhando indiscretamente para sua cesta, reclamando e apontando. Paulo não entendeu o que estava acontecendo, mas quando olhou para baixo, se deparou com uma criança muito simples, com o cabelo bagunçado, olheiras e uma calça rasgada. Ficou confuso e disse:

- Você precisa de alguma coisa, garotinha?

A menina se afastou e escondeu algo dentro de seu bolso.

- Eu estou com muita fome, e peguei a comida do senhor.

Disse a menina, tremendo de frio.

- Mas onde estão os seus pais?

- Não tenho...a única coisa de que preciso é comida.

Paulo comprou um pacote de bolacha e alguns pães para a garota, a qual lhe agradeceu.

Em seguida, a mulher que olhava com desprezo, mandou os seguranças do mercado tirarem a garota do local, acusando-a de roubo.

Mendigos, indigentes, desocupados, vagabundos e uma série de outros estereótipos os quais as pessoas assumem como papel coadjuvante são desprovidos de família, emprego, residência e bens materiais passam a ser vistos como aqueles-que-não-fazem-parte-da-sociedade.



Apesar de a Prefeitura de São Paulo ter procurado agir nesse campo e a Secretaria de Assistência Social procurado incentivar a criação de repúblicas de moradores de rua, em casas alugadas, esses problemas continuam ocorrendo todos os dias em vários lugares. Não só acusações de roubos, mas também agressões e mortes.

Deve haver uma conscientização da população em relação a forma como esses moradores são tratados, não importando se são crianças, adultos ou idosos. Precisa-se de mais respeito, ajuda e, principalmente, doações.



Um vazio cheio de tudo

Isabella Sampaio Macedo

Ninguém entende, ninguém vê e ninguém nunca será capaz de explicar o que é sentir tudo e ao mesmo tempo nada.

O que todos veem pode não ser o que realmente é. Um exemplo é o sorriso, muitas vezes estamos sorrindo, porém por dentro estamos destruídos, querendo gritar, sair correndo, chorar, mas estamos fortes com um sorriso no rosto sem demonstrar nada.

Então, por todo mundo falar, todos acabam acreditando que quando estamos sorrindo estamos felizes. Quando estamos quietos, estamos magoados; quando choramos, estamos tristes; e quando estamos imperativos, estamos ansiosos, mas não é assim, pelo menos comigo, e imagino que com a grande maioria também não.

Todos nos veem sempre bem, sem querer ninguém, sem demonstrar nada; desde o amor até a dor e pensam que só porque não demonstramos não sentimos, mas a verdade é que sim, sentimos, e preferimos guardar. Às vezes é até mais intenso que aqueles os quais se abrem para qualquer pessoa.

Todo mundo ama, sofre, ri, chora, se sente ansioso, com medo, tem receio de perder alguém, sente saudade, porém não são todos que demonstram, pois, como diz o ditado: “O que ninguém sabe, ninguém estraga “.



A Carta

Isabella Zanardo Riechelmann

Queridos pais e família,

Me desculpe por vocês não me encontrarem mais aqui, me desculpe por não ser forte o suficiente para continuar ao lado de vocês, pessoas que tentaram me ajudar, tentaram me mostrar o que é ser forte, mas essa foi uma escolha que eu fiz.

Não estava mais aguentando as ofensas dos meus “amigos”, me batendo por motivos que eu mesma não sabia. Os xingamentos me machucavam muito, só porque eu não tinha o corpo desejado por eles.

Nunca fui uma pessoa forte, nunca tive amigos e isso se agravou pelos constrangimentos que eu passava. Chorar no quarto, ser xingada, comer no banheiro por medo de alguém me zoar, virou parte do meu cotidiano.

Isso dói tanto que me sinto completamente inútil. A dor vem de dentro, isso me corrói, não sei explicar a enorme dor que sinto. Tenho medo, tenho arrepio de frequentar a escola, tenho medo de sair de casa, tenho vergonha de mim. Como alguém pode me amar?

Desculpe mãe e pai, me perdoem, mas eu não aguentava mais, tive que fugir dessa cidade e, conseqüentemente, dos braços de vocês, mas prometo me reencontrar e, quando estiver preparada, voltarei correndo para vocês.

Assinado: Toda a dor do *bullying*



Visitas Inoportunas

Juliana Bravo Siqueira

Sábado à tarde, um daqueles dias que você se prepara para fazer exatamente nada. Sozinha em casa, de pijama, comendo exageradamente, quando a campainha toca. Penso em não atender, mas quem quer que fosse, insiste em tocar novamente.

Levanto da minha cama, dou uma espiada pela fresta da porta e vejo minha família do interior. Penso em fingir que não estou em casa, mas é tarde, já me viram e gritam meu nome.

Atendo o interfone e mando esperar um momento enquanto me troco, porém meu tio diz:

- Não temos como esperar, a sua prima Amandinha precisa ir ao banheiro urgente.

Decido abrir a porta de pijama mesmo e sou recebida com uma porção de beijos e abraços. São 6 pessoas no total e já vejo meus planos para o sábado indo por água abaixo. Deixo-os na sala assistindo TV e subo para me trocar. Enquanto me troco, ouço a campainha tocar novamente e já me desespero.

Assim que desço, vejo meus pais e minha irmã na sala, dizendo que vieram visitar a família do interior. Além disso, ainda me mandam preparar algo para comerem. Olho para eles com ar de reprovação e vou para a cozinha pensar em uma maneira de me livrar de meus familiares.

Ligo para meu namorado para me ajudar a pensar em algo, e ele sugere ir até minha casa, dessa forma talvez todos fossem embora, e eu concordo. Ele chega e, ao contrário do que imaginei, a situação piora. Minha família se entusiasma com a sua presença e sugere pedir uma pizza, algo que os faria ir embora só de madrugada. Tento pensar em um plano B e olho para meus contatos no celular.



Penso que, caso eu avisasse que alguns amigos estavam para chegar, eles talvez fossem embora. Vou chamando um por um, avisando que haverá uma festa em minha casa, 10 convidados, 20, 30...

Todos ignoram meu aviso e os convidados começam a chegar, em questão de minutos já há mais de 30 pessoas em minha casa e todos interagindo com minha família. A noite vai correndo solta enquanto eu trabalho para deixar tudo em ordem e agradar a todos. São tantos pedidos de afazeres que perco a cabeça.

Grito para todos que não os queria lá, que os convidados eram uma desculpa para mandá-los embora e que, de preferência, todos podiam ir e não voltar mais. O silêncio toma conta do lugar e percebo o que eu fiz enquanto um por um se levanta e vai embora.

Já passa de uma hora da manhã quando todos vão embora e me encontro sozinha em meu apartamento inteiramente sujo. Penso em como aquele dia saiu do controle, perdi toda minha noite livre, perdi muitos amigos e provavelmente não verei meus parentes por um bom tempo. Existe algo pior do que visitas inoportunas?



A temida adolescência

Juliana Ducca

É na adolescência que as dúvidas começam a aparecer, são milhares de perguntas que nos fazemos todos os dias, e da maioria delas é difícil de se obter uma resposta. Uma parte talvez seja respondida por amigos e colegas, e a outra fica vagando em nossos pensamentos até conseguirmos achar algum argumento que nos satisfaça e pareça ser uma resposta convincente. Essa fase transforma nosso comportamento e isso faz com que fiquemos confusos.

Temos tanta pressa de crescer e quando isso acontece percebemos o quão bom era ser criança. Quem esquece das primeiras paixões e das primeiras decepções? Além disso, a incerteza de ser amado ou de ser atraente o bastante para a pessoa de quem se gosta é a dúvida mais comum entre nós. Somos inseguros, e essa fase serve para que possamos amadurecer e aprender a tomar decisões que nos auxiliarão para sempre.

Qual faculdade fazer? Que carreira seguir? Seremos influenciados por nossos amigos e estarmos inclusos no grupo social ou desenvolver nossos próprios pensamentos e correr o risco de não sermos aceitos? Por que obedecer nossos pais, mesmo quando estamos certos de que o que estamos fazendo é o melhor? Sei que todas as dúvidas passam pela sua cabeça assim como tomam meus pensamentos. Mas a verdade é que não existem respostas concretas, o segredo é viver aos poucos, sem pressa de crescer, pois em cada fase de nossas vidas aprendemos e amadurecemos. Vou me apaixonar pela vida e por cada detalhe sim, e o que não virar amor, vira poema, então não se arrependa.



2017

Larissa Nunes de Oliveira

2017, o ano em que a liberdade cantará para alguns. Alguns que terão 1/3 de sua vida completa. O ano em que o colégio finalmente irá acabar. Antes disso, existe um longo caminho até o terceiro ano.

Entrar para o Ensino Médio é uma conquista que muitos alcançam, mas uma minoria completa. Existem seus pontos positivos e negativos. No meu caso só consigo pensar nos negativos. Acordar antes do sol nascer, porque precisa ir de perua, aguentar até 13h para ir para casa. Rotina 24/7 de segunda a sexta (às vezes no sábado, quando tem o bendito simulado) chegar em casa, almoçar, ir para a aula de inglês, voltar, estudar. Sempre assim. Meus pais dizem que não devo reclamar, reconheço o esforço que ambos fazem por mim e sou muito grata por isso.

Cansa passar por tudo isso, pode não parecer, mas todo dia é a mesma turbulência mental pela qual eu passo. Professor é sinônimo de ensino e motivação, neste caso só existe o ensino.

Chegou um momento em que eu duvidei da própria capacidade, meus familiares gritam, se estressam quando eu não entendo a lição de casa ou a matéria da prova e no final eu acabo chorando e falhando. Desistir de si mesma é a pior coisa que existe, às vezes a única coisa que eu penso é “Por que eu não nasci esperta?” “Por que eu não consigo deixar meus pais orgulhosos?” e assim eu chego à conclusão de que ninguém é perfeito, todos temos um dom e o meu, talvez, não esteja na escola, mas sim no mundo. 2017 que me aguarde.



Mãos do senhor

Laura Ramos Raposo

Não sabia o que estava acontecendo até aquele momento, a vida me rodeava, tudo tão vazio, nada conseguia me completar. Ao fixar meus olhos sobre meu colo, lá estavam elas, as minhas mãos, as armas mais fortes, ferramentas que podiam construir um Império ou até mesmo acabar com uma vida, e lá estava eu com as minhas próprias armas contra mim, elas tremiam insanamente.

O espaço se tornava cada vez menor, enquanto a dor no meu peito crescia, tornando-se mais difícil de evitar as lágrimas que caíam dos meus olhos a qualquer instante. Eu, um homem, o topo da cadeia alimentar, um ser que construiu cidades e ajudou vidas, não era nada disso neste momento, me sentia impotente dos meus próprios atos.

Com muita dor voltei a olhar ao meu redor, diante de mim, um outro homem, por volta dos seus 60 anos, um homem que estava prestes a mudar minha vida, e cada palavra que tornava a sair de seus lábios me destruía cada vez mais.

As mãos do senhor escreviam com destreza no papel ao mesmo tempo; estas seriam as mãos que poderiam acabar me salvando ou destruindo a minha vida, a única fé que eu tinha se dissipava a cada instante.

Ajustando os óculos que pendiam sobre seu nariz tornou a falar:

- Eu sinto muito em dizer isto, mas o senhor tem câncer.



A primeira aula

Lucas Kimura

Há quem diga que a primeira aula do ano é a melhor. Não tenho como discordar mais dessa afirmação. Você nunca sabe o que acontecerá na primeira aula. Se é um aluno vomitando pela sala, uma reencenação da Segunda Guerra Mundial com bolinhas de papel ou até mesmo uma versão moderna dos Idos de Março, a introdução para a classe a qual terei de aturar pelos próximos 200 dias é sempre uma caixinha de surpresas.

E aqui estou, numa manhã chuvosa de segunda-feira esperando pelo toque do sinal. Essa aula será para o 2º ano do Ensino Médio, e começo a rezar. Respiro fundo. Relembro os piores momentos de minha carreira. Quando eu tomei um calmante e dormi na aula. Ou talvez aquela vez em que a menina jogou uma garrafinha de água na minha cabeça. Lembrei até do caso da Jade, mas isso fica para um outro texto. Tenho que parar de me preocupar. Afinal, qual a pior coisa que poderia ocorrer na primeira aula do ano? Um ataque de gnus?

O sinal toca. Respiro. Entro, e me introduzo. Sou seu professor de história, peguem o livro, a mesma coisa de sempre. Ninguém presta atenção em mim, como de costume. Não ligo, e começo a escrever na lousa. Não sou um daqueles professores que pergunta o nome de cada um dos alunos, pois nem os decoro. Apenas utilizo de características físicas para identificá-los. Porém, nem acabo de escrever a palavra “Roteiro” e eles começam a conversar. Um dos que mais falam é um menino, de boné virado para trás. Chamo a atenção da sala, um fato que será recorrente por essa história, e volto para a aula. Respiro fundo.

Entretanto, continuo a ouvir conversa, destruindo minha esperança de silêncio. Depois de finalmente acabar de escrever,



alguém me chama. Viro-me, e sou encarado por um japonês, de óculos, que pede para ir ao banheiro. Naturalmente, seu pedido é negado, e ordeno-o a voltar para seu lugar. Mas, antes de continuar a aula, sou interrompido por um grupo de meninas no canto da sala, as quais estão preparando um salão de beleza. Uma está pintando a unha de uma garota loira e a outra está fazendo sua sobrancelha. A pressão arterial começa a subir. Respiro. Peço para elas pararem, e elas param. Por enquanto. Pois quando eu começo a explicar a matéria, elas voltam a se arrumar.

E seria uma aula normal, se não fosse pelo fato de o menino de boné começar a gritar com um colega dele. Aparentemente, era porque um falou da mãe do outro, e agora me vejo obrigado a intervir. Enquanto estou conversando com os dois moleques, o japonês volta a pedir para ir ao banheiro, e eu nego novamente. Respiro, sentindo meu coração acelerar. Mais meninos se juntam à briga, e aqui estou eu me controlando para não esganá-los. Além disso, as maquiadoras profissionais começam a rir histericamente da situação. Uma delas acaba derrubando esmalte na blusa da loira e esta começa a berrar; corro para tentar acalmá-la. A loira me ignora. Ela pega o livro de história, maior da pilha de materiais, e começa a bater na outra.

O que mais poderia acontecer de errado, querido leitor? Tudo. As meninas começam a se dividir em grupos e brigar umas com as outras. Respiro. Os meninos estão começando a se espancar. Respiro. Outros começam a jogar bolinhas de papel, e, afetado pelos meus terríveis flashbacks da terrível Guerra das Bolinhas, tenho que sentar. Respiro. O japonês que ficou me importunando antes se aproxima de mim. Eu simplesmente mando-o ir ao banheiro. Mas ele não dá nem dois passos quando começa a vomitar pela sala. Incluindo minhas coisas. Respiro. Os meninos param de se bater para jogarem-se contra a parede, recriando o Muro de Berlim. Respiro. Respiro



novamente. O menino de boné começa a gritar e fazer barulhos estranhos, e outros se unem à sinfonia. Começo a chorar num canto, e agora me vejo perdendo o emprego. O que mais poderia acontecer, meu caro leitor?

Nisso, uma manada de gnus passa pela sala.



Em ponto

Maria Victória G. Toscano

Às seis em ponto ela me chamava, “- Filha, levanta!”. Meio acordada, meio dormindo, levantava já em direção ao banheiro. Rosto, dente, xixi, e um pouco mais desperta, percebia que era ainda eu mesma. Uma breve checada no *whats* para confirmar que tudo estava no seu lugar e então partia para decidir a roupa, ou melhor, as poucas peças básicas permitidas pelo colégio. Calça preta, camiseta do uniforme, uma blusa mais quente, pois fazia muito frio naquele junho e, o que mais gostava, um lenço para ajudar a marcar meu estilo. Com o mau humor usual, chegava à cozinha para o café da manhã, um gole, uma mordida e outro gole, e assim, às pressas, saía correndo para mais um dia de escola, de vida de uma adolescente, de idas e vindas, de espera que algo novo aconteça, mas que nada mude meu querido cotidiano.



Amor (de) passageiro

Marina Violini

Toda quinta-feira, de costume, eu pego o metrô Sacomã, mas, especialmente nesse dia, estava mais quente e mais lotado. E para me deixar mais irritado (mais do que já estava) não consegui lugar para sentar e ainda fiquei na frente da porta.

O metrô ficava cada vez mais quente e mais lotado.

Dezenas de pessoas entravam e saíam a cada estação que se passava, mas quando o metrô parou na Paulista, surgiu uma moça em meio à multidão, especialmente bonita.

Cabelos loiros cacheados até o meio das costas, branca, olhos esverdeados, e aproximadamente 1,60 de altura. Vestia uma roupa simples, calça jeans e uma blusa verde que realçava ainda mais os seus olhos e que, por incrível que pareça, a deixando mais bonita.

Parecia uma boneca.

Todos a olhavam, mulheres também, mas principalmente os rapazes que estavam lá, e eu.

Minha cabeça não parava desde que essa moça tinha aparecido, entre os olhares que se destinavam a ela, estavam meus pensamentos confusos, de como me aproximar ou não dela, se chegar nela e como chegar?

Criando coragem aos poucos, fui me aproximando. Sentindo um perfume que, à medida que me aproximava aumentava, só podia ser dela. E em um impulso perguntei qual seu perfume.

Meu coração estava acelerado e minhas bochechas queimavam, de vergonha, mas agora não dava pra voltar atrás.

A moça me olhou um pouco assustada, mas com delicadeza me respondeu que não sabia o nome, já que foi um presente de seu namorado.



Percebi que ela estava me olhando com uma cara de quem não estava entendendo o que estava acontecendo.

Então resolvi perguntar por que ela estava a me olhar daquele jeito.

Ela respondeu: “Gostaria que me desse licença, porque chegou a minha estação.”

Decepcionado, percebi que estava na frente da porta, barrando sua passagem.

Junto a ela se foi seu perfume e meu sorriso. E comigo só ficou a vergonha de ter feito isso no meio do metrô.



O trânsito na cidade

Mirella Vinha

Hoje em dia não reparamos mais no cotidiano, não reparamos no que está ao nosso redor, apenas focamos em nossas obrigações e o que temos que fazer, como, por exemplo, nunca paramos para observar as coisas no trânsito.

O trânsito pode ser muito interessante e ao mesmo tempo cansativo; a verdade é que nunca paramos para reparar ao nosso redor.

Quando estamos lá parados, esperando para que o carro ande, se prestarmos atenção, vamos ver outras coisas.

Quando olhei para o carro ao lado, vi um homem ouvindo *funk* no volume máximo; quando olhei para o outro carro, havia uma mulher que parecia nervosa e gritava dentro do carro “anda, moleza, tenho que pegar meus filhos na escola”, mais um pouco que andei com meu carro, no automóvel ao lado já se via um casal brigando, no outro já havia uma família brincando e rindo com os vidros abertos e ouvindo música alta e se divertindo.

No trânsito temos várias situações, pessoas diferentes, com humores diversos e em situações variadas.

E quando o tráfego começa a fluir, alguns humores mudam, outros não e eu lá observando tudo ao meu redor.

Enquanto observo, começa um assalto, mas ninguém estava vendo, pois só olhavam para o que tinham que fazer, apenas focados na sua obrigação. Ninguém viu nada acontecer, apenas eu que observava o cotidiano, vi os assaltantes chegando, roubando, e fugindo, mas as pessoas ao meu redor continuavam sem entender. Se houvessem prestado mais atenção, saberiam de fato o que aconteceu.



O Controle da mídia

Rafael Rubio Carvento

Já pararam pra pensar no quanto a mídia governa o pensamento das pessoas? Quem nunca ouviu falar “mas passou na TV!”. Muitos acham que se passou na TV ou nas rádios, tem que ser verdade. Isso é a alienação.

A internet também controla muitas pessoas, principalmente os jovens, que acreditam em tudo que veem ali. Além de poder ser até mais confiável que a própria televisão, por exemplo. A internet tem informações que não são únicas, há várias fontes onde é possível procurar outras mídias que podem mentir sobre qualquer acontecimento e enganar o povo, ainda fazendo com que acreditem no que está sendo dito lá. Para mim, a internet é mais confiável que outras mídias por aí, mesmo tendo que tomar certo cuidado em qual site se entra pra se ler qualquer tipo de informação.

As pessoas precisam pesquisar todos os tipos de assuntos interessantes para que não sejam enganadas por quaisquer dados que vejam. Pesquisar sobre isso fará com que se veja qual é a realidade pela qual estamos passando, que certas informações que são passadas como “boas para o povo” são, na verdade, nocivas não só para a sociedade, mas também para o país.



Preconceito, pra quê?

Sabrina Alves Campilongo

Um garotinho de apenas oito anos, moreninho com o cabelo cacheado, foi discriminado racialmente na escola por uma colega que falou a ele que nunca iria ter amigos, nem uma namorada por ser “*preto, feio e fedido*”, com isso o garoto não teve mais vontade de ir à escola, nem de se socializar com outras crianças, com medo de ouvir aquelas ofensas novamente; quando seus pais souberam, o caso foi levado para a polícia e o menino retirado da escola.

É mais comum do que se pensa. Crianças, mesmo as mais novas, demonstram preconceito e dificuldade para aceitar as diferenças entre as pessoas de convívio, sejam colegas, funcionários da escola, empregados da sua residência, ou até mesmo parentes.

Além do racismo, também sofrem as crianças que apresentam uma característica fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, como os gordinhos, os que usam óculos, os baixinhos, gagos, tímidos e, principalmente, os portadores de deficiência. Também podemos destacar como uma forma de preconceito, as crianças, que não conseguem se defender sozinhas contra as provocações.

Nos Estados Unidos, é muito comum ouvirmos histórias de crianças que levam a mágoa do preconceito até a fase adulta, mas no Brasil nunca houve tantos casos como estão tendo agora e vêm sendo cada vez mais frequentes nas escolas.

O que mais preocupa os pais é que nem sempre as vítimas chegarão em casa chorando e contando a eles que foram ofendidas e nem de que forma isso aconteceu. Por esse e outros casos é que devemos sempre incentivar as crianças a respeitarem uns aos outros e que o ser “*diferente*” não



influencia nada na pessoa. As escolas, muitas vezes, já dão esses ensinamentos de igualdade entre os alunos, mas os pais são os principais influentes das crianças, então, muitos ensinamentos já devem vir de casa para tentarmos diminuir esses casos. Tanto os pais das vítimas quanto os dos feitores da discriminação deveriam estar atentos e cientes aos acontecimentos ocorridos nas escolas, porque muitas vezes os pais não sabem que os pequenos estão magoando e discriminando os colegas ou até mesmo não sabem que eles estão sofrendo. É dever dos pais ou dos seus responsáveis e, sem dúvida, com o auxílio da escola, observar e orientar dia a dia suas crianças para tentar acabar com esses atos ofensivos.



Ah...O amor!

Victória Santos Rodrigues

Minha fascinação por ele é enorme. Nos pega de surpresa e nos transforma.

Bagunça a nossa mente, alegria o nosso coração e muitas vezes nos faz sofrer.

Sofrer pela saudade, pela falta de reciprocidade. E Nietzsche provou isso ao dizer que, a melhor cura para o amor é o amor retribuído. Eu sou mais uma vítima desse sentimento. No fim do ano, quando viajei para Londres, encontrei uma velha paixão. Parecia que o tempo não tinha passado... Ele estava mais maduro, mais forte e mais simpático. Trocamos cartões e no dia seguinte ele me ligou, marcamos um jantar. O dia marcado finalmente chegou e eu passei longas horas me arrumando. Marcamos de nos encontrar em uma cantina italiana (a paixão dele por massas ainda era a mesma). Começamos a conversar despreziosamente e logo já comecei a sentir aquele frio na barriga. Foi quando me peguei admirando toda aquela beleza e inteligência. Lembrei da nossa adolescência, do nosso primeiro beijo, das nossas conversas ao telefone.

Era como se o tempo tivesse aperfeiçoado tudo. O Amor nos uniu no momento certo, estávamos maduros o suficiente para entender que precisávamos ficar juntos e foi exatamente isso o que aconteceu.

Como pode alguém nos fazer tão bem? O amor é a resposta. Amo admirar o brilho no olhar dele. Amo contemplar suas qualidades. Amo estar ao lado dele todos os dias. Amo a nossa amizade. Amo as nossas conversas, por mais bobas que sejam... Amo admirar o pôr do sol com ele. Amo ouvir Lulu Santos enquanto ele acaricia os meus cabelos. Ele se encaixa perfeitamente no meu coração...



Aproveite

Vinicius F. Damasceno

Daqui a um ano, um ciclo se encerrará, e um novo surgirá. Num piscar de olhos, momentos se vão; logo tudo será apenas uma lembrança; provas intermináveis, trabalhos estressantes, conversas compridas; Porém, se as lembranças serão boas ou ruins, depende de nós.

É incrível como tudo o que nós passamos se foi; memórias que nunca serão perdidas na biblioteca da alma; muitas das vezes não sabemos como aproveitar o momento; a vida e o medo de ser pego ou ser criticado torna tudo mais complexo; Mas...apenas Viva!

Temos que tornar cada momento único e marcante; como quando chega o campeonato “interclasses” e todos se unem de uma forma especial pelo jogo, pelo time e pelos amigos; aqueles professores que interagem conosco tornando tudo mais especial; pessoas e momentos como estes temos que guardar para sempre.

Um infeliz fato que impede todos de aproveitar mais é o preconceito; Ah...o preconceito; traiçoeiro e perigoso; Pessoas que têm medo de ser como são, medo de vestir as roupas que querem ou medo de agir de forma categorizada como “chamativa”; tudo isso causado por uma simples “crítica”.

Admiro as pessoas que lutam por “liberdade”, que têm a coragem de aparecer com o cabelo colorido em meio a dezenas de críticos de plantão; são essas pessoas que aproveitam mais que todos os outros; as pessoas que não têm medo!

E por último, o Amor; Ah... ó Amor, uma agulha escarlate que remenda mágoas; Não há sensação melhor do que estar com a pessoa querida, seja ela um amigo ou namorado; sem dúvidas, o melhor aproveitamento da vida.

Para finalizar; como eu disse antes: Apenas Viva!



FOTHA



Colégio
Metodista
São Bernardo do Campo



EDUCAÇÃO
METODISTA